

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
GRADUAÇÃO EM LETRAS/PORTUGUÊS

JESSYCA RAYANNE FERREIRA

**A POÉTICA DA ESCRAVIDÃO EM CASTRO ALVESE CRUZ E
SOUSA**

Maceió - AL

2022

JESSYCA RAYANNE FERREIRA

**A POÉTICA DA ESCRAVIDÃO EM CASTRO ALVESE CRUZE
SOUSA**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do diploma de Graduação no Curso de Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Murilo Cavalcante Alves.

Maceió – AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de
Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB

F383p Ferreira, Jessyca Rayanne.
A poética da escravidão em Castro Alves e Cruz e Sousa / Jessyca
Rayanne Ferreira. – 2022.
65 f.

Orientador: Murilo Cavalcante Alves.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Português) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 60-65.

1. Literatura brasileira. 2. Escravidão. 3. Alves, Castro, 1847-1871. 4.
Sousa, Cruz e, 1861-1898. 5. Romantismo. 6. Simbolismo. I. Título.

CDU: 82-1(81)

Agradecimentos

Primeiramente a Deus por ter me concedido sabedoria e competência durante toda minha jornada acadêmica.

A minha família que durante toda minha vida me deu base para que eu me tornasse uma mulher de princípios, em especial aos meus pais, Risonildo Ramos Ferreira e Geneide Maria Bandeira, que não mediram esforços para minha formação, e as minhas irmãs Jhoanny Rosyelly Ferreira e Jayanne Rayara Ferreira que, ao longo de toda minha trajetória, sempre acreditaram no meu crescimento.

Aos meus amigos, Thaynã Santos, Jefferson Melo, Eliz Amanda, Ruane Emídio, Ana Rosa Bandeira, Alcides Neto, Lílían Nobre, Gabryelle Souza e Maria Lima pela força, torcida e compreensão durante anos de amizade.

A minha antiga, mas para sempre professora do Ensino Médio, Mônica Porto, que foi muito atenciosa durante minha caminhada como discente.

Em especial ao professor e orientador Murilo Cavalcante Alves, que tanto me ajudou com sua sabedoria, obrigada pela incansável dedicação e confiança.

Agradeço a todos os professores que ajudaram na construção da minha história acadêmica e que contribuíram intensamente para a minha formação.

Aos professores, Dr. Niraldo Farias e a Dra. Débora Massmannn, por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora, o meu muito obrigada.

A minha colega de curso, Lioly Moreira, pelo companheirismo e amizade, sua parceria foi muito importante durante os anos da graduação, sou imensamente grata.

Não posso deixar de agradecer a Universidade Federal de Alagoas, e a todos que compõem a instituição, pela oportunidade de realizar e concluir uma etapa tão significativa da minha vida.

E a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação, hoje sou uma pessoa realizada e feliz porque não estive só nesta longa caminhada.

A todo o corpo da Faculdade de Letras que eu tive o privilégio de conhecer, professores, colegas, educadores e orientadores. Sem vocês não seria possível estar aqui hoje, realizando essa conquista.

A todos, os meus sinceros agradecimentos, obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a temática da escravidão a partir do olhar das obras dos autores Castro Alves e Cruz e Sousa, pertencentes às correntes literárias do Romantismo e Simbolismo, respectivamente. Os poetas apresentam posições sociais desiguais, mas receberam uma educação muito semelhante, sendo considerados grandes intelectuais da época em que viveram. Castro Alves é conhecido como “Poeta dos escravos”, já Cruz e Sousa, ficou afamado como o “Dante negro”. A partir da análise do poema “O Navio Negreiro: tragédia no mar” de Castro Alves e “Dor negra” de Cruz e Sousa pretende-se entender como é abordada a escravidão mencionada por eles em seus poemas, já que ambos pertenceram a escolas literárias diferentes e viveram em períodos históricos distintos. Apesar de algumas distinções entre eles, os dois defendiam o mesmo discurso de liberdade e condições humanas para os negros da época. O objetivo da pesquisa é analisar por meio da poética as condições em que a população negra foi explorada, além disso, salientar o sistema racista durante e pós-escravidão no meio literário e social e o impacto dos poetas Castro Alves e Cruz e Sousa dentro dessa temática.

Palavras-Chaves: Escravidão, Castro Alves, Cruz e Sousa, racismo, romantismo, simbolismo.

ABSTRACT

This work aims to present the theme of slavery from the perspective of the works of authors Castro Alves and Cruz e Sousa, belonging to the literary currents of Romanticism and Symbolism, respectively. Poets have unequal social positions, but received a very similar education, being considered great intellectuals of the time in which they lived. Castro Alves is known as the 'Poet of slaves', while Cruz e Sousa became famous with 'Black Dante'. From the analysis of the poem "O Navio Negreiro: tragedy at sea" by Castro Alves and "Dor negra" by Cruz e Sousa, we intend to understand how the slavery mentioned by them in their poems is approached, since both belonged to literary schools different and lived in different historical periods. Despite some distinctions between them, the two defended the same discourse of freedom and human conditions for blacks at the time. The objective of the research is to analyze through poetics the conditions in which the black population was explored, in addition to highlight the racist system during and post-slavery in the literary and social milieu and the impact of poets Castro Alves and Cruz e Sousa within this theme.

Keywords: Slavery, Castro Alves, Cruz e Sousa, racism, romanticism, symbolism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
Capítulo 1: A ESCRAVIDÃO E O APAGAMENTO DO NEGRO NA HISTÓRIA DO BRASIL	09
Capítulo 2: A INVISIBILIDADE DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA....	15
Capítulo 3: CASTRO ALVES: DA POÉTICA AMOROSA À RETÓRICA CONTRA A ESCRAVIDÃO	19
Capítulo 4: O CONDOREIRISMO AMOROSO DO VATE BAIANO	26
Capítulo 5: NAVIO NEGREIRO: A FACE HEDIONDA DA ESCRAVIDÃO	30
Capítulo 6: CRUZ E SOUSA: O LOUCO DA IMORTAL LOUCURA	41
Capítulo 7: O SIMBOLISMO PUNGENTE DE CRUZ E SOUSA	46
Capítulo 8: AS EVOCAÇÕES EM “DOR NEGRA”	50
Capítulo 9: CASTRO ALVES E CRUZ E SOUSA: POESIA E ATIVISMO SOCIAL.....	53
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Fazer a análise da trajetória da Literatura Brasileira levanta alguns questionamentos sobre a construção desse movimento no campo social. Observa-se que as obras que contemplam o espaço literário ocupam períodos renomados da história do Brasil. Considerado um dos países que mais escravizou negros durante sua estruturação, o Brasil destaca-se nesse campo por ter obrigado um determinado povo durante mais de trezentos anos a condições de extrema crueldade e perversidade. Diversas esferas discordaram do sistema escravocrata e na literatura não foi diferente. Por meio de discursos literários em forma de livros, poesias, publicações em jornais, atuações em teatros, entre outras manifestações artísticas, a luta contra a escravidão também pode ser evidenciada dentro dessas produções literárias. A posição social do negro sempre foi de inferioridade devido aos resquícios da escravidão, e, durante a ascensão escravocrata, esse povo passou a ser destacado quase que exclusivamente como escravizados, não havia outro olhar, não eram enxergados em suas qualidades ou virtudes, todos os parâmetros de visibilidade que lhe foram dados se relacionavam às suas condições de vida.

Para realizar o estudo do período literário que abordou a escravidão, fez-se necessário explorar os espaços e autores da Literatura Brasileira, com a finalidade de abordar diferentes perspectivas sobre esse tema. Foram utilizadas para a pesquisa, obras de dois renomados poetas brasileiros, o baiano Castro Alves, que é considerado um grande defensor dos escravizados, e o mineiro Cruz e Sousa, autor negro que evidenciou sua insatisfação social devido ao sistema racista da sua época.

Considerando todos os males que a escravidão propiciou aos negros no Brasil a partir do século XVI, é de grande valor explorar o desencadeamento deste sistema na sociedade. Os efeitos da escravização em nosso Estado permeiam a contemporaneidade, desqualificando uma grande massa apenas por sua cor de pele. Dentro da Literatura Brasileira não foi tão dessemelhante, o papel do negro de antemão foi abordado devido a sua condição de escravo, não havia outra visão, a posição e situação em que os escravizados viviam eram sempre mais evidenciadas do que seus preceitos, o que de certa forma foi de grande pertinência, tendo em vista que isto também se enquadrava em uma maneira de denunciar a severidade da escravidão.

E é buscando um olhar abrangente da escravidão na Literatura que foi realizada esta pesquisa, abordando a visão de Castro Alves por meio do poema “O navio negreiro:

tragédia no mar”, no qual o poeta evidencia a grande face do transporte no tráfico de escravizados da África para o Brasil. Trata-se de um grande relato onde Alves permeia-se como se participasse da “viagem”, e narra a crueldade como eram traficados, homens, mulheres e crianças negras, demonstrando receio e expressando todo seu sentimento de repúdio diante das cenas retratadas. Castro Alves desde sua infância teve muito clamor pela liberdade, e em grande parte de seus versos manifesta esse sentimento, e enfatiza-o ainda mais quando se trata de negros escravizados.

Simultaneamente, retrata-se a visão de Cruz e Sousa, poeta negro que mesmo considerado o precursor do Simbolismo, delongou-se muito para se ter reconhecimento dentro da Literatura. Este retardo a sua condecoração advém desde a sua trajetória de vida, e perdurou durante sua morte. Sousa, por meio de suas obras, expôs suas dores íntimas e toda sua indignação com o sistema racista da época em que viveu. Enfatizar o quanto grande este autor contribuiu para a Literatura Brasileira é de grande relevância, pois, trata-se de um poeta que mesmo tendo vivido a pós-escravidão conviveu com todos os resquícios que o escravagismo causou na sociedade.

A escravidão é abordada em diversas esferas, mas buscar perspectivas dentro do campo literário transmite visões desmitificadas sobre o tema, além disso, ao evidenciar pensamentos análogos e ao mesmo tempo distintos de tempo e condições sociais, o estudo permite uma análise que caracteriza pontos dentro da poética que evidencia nas obras dos autores supracitados características simultâneas e com objetivos que os unem dentro do campo do racismo.

1. A ESCRAVIDÃO E O APAGAMENTO DO NEGRO NA HISTÓRIA DO BRASIL

O marco da escravidão destacou o Brasil como o país que mais importou escravos da África. Nos espaços brasileiros, o escravagismo durou até 1888, oitenta e quatro anos depois da abolição da escravatura do Haiti, primeiro país da América a abolir a escravidão¹. Por sua vez, o grande curso da escravização brasileira teve como corolário o apagamento do negro em diversas fases da história do Brasil.

Segundo Nielson Rosa Bezerra (2011, p. 138)

A escravidão e a diáspora africana eram assuntos contemplados quase exclusivamente através de quantificações, números e estatísticas. Embora ainda seja um recurso fundamental para os historiadores dessas temáticas, muitas vezes, não foi possível dá (sic) um rosto para aqueles seres humanos que viveram o cativeiro e que tantas contribuições ofereceram para a formação da sociedade brasileira.

Deste modo, é perceptível que a escravidão foi e é um assunto bastante retratado por historiadores, porém, a invisibilidade do negro continua. Na época do Brasil colonial, escravizados negros foram silenciados, não houve lugar para a expressão e /ou protagonismo diante da grande massa colonizadora europeia.

É sabido que o estudo da escravidão negra é sempre representado pelo sofrimento, tortura e modo sub-humano, que foram, durante mais de três séculos², as condições de vida dos pretos da época colonial. É evidente que essa parte da história é marcante e dolorosa, merece sempre ser ressaltada, pois foram mais de 300 anos de um percurso que transformou a vivência de milhares de pessoas e seus descendentes. As consequências de todo esse período estão evidenciadas na contemporaneidade, o racismo implantado desde o século XVII permanece enraizado na sociedade brasileira.

¹ O Haiti foi o primeiro país das Américas a abolir a escravidão. Em 1974, ocorreu a chamada "Revolução dos escravos" no país. No episódio, a grande massa de escravizados que existia na região foi impulsionada pelo líder religioso Dutty Boukman a se revoltar e dar início a uma guerra civil. No entanto, a abolição da escravidão só ocorreu em 1804, quando o ex-escravizado Jean-Jackes Dessalines proclamou a independência do país e assumiu o governo do Haiti, que deixou de ser uma nação subordinada à França.

² Não existem registros precisos dos primeiros escravizados negros que chegaram ao Brasil. A tese mais aceita é a de que em 1538, Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos. No Brasil, o regime de escravidão vigorou até o dia 13 de maio de 1888, quando a princesa regente Isabel assinou Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea. (GARAËIS, 2012.)

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, 45,22% dos brasileiros se declaram como brancos, 45,06% como pardos, 8,86% como pretos, 0,47% como amarelos e 0,38% como indígenas.

Ao analisar os dados do PNAD é possível constatar que não brancos são a maioria no Brasil, levando em consideração estatísticas e números, os negros (somados pardos e pretos), são a maioria no país, mas essa maioria é estabelecida em quantidade e desfalcada como lugar de destaque³ na sociedade.

Por se tratar de um país miscigenado, é comum também que brasileiros e brasileiras não reconheçam sua cor/etnia, seja pelo racismo estrutural, seja por falta de informação. Segundo Abdias do Nascimento (1978, p. 74-75), “[...] temos, então, os mulatos claros descrevendo-se a si mesmos como brancos; os negros identificando-se como mulatos, pardos ou mestiços, ou recorrendo a qualquer outro escapismo no vasto arsenal oferecido pela ideologia dominante.” Considerando a análise de Nascimento, entende-se a apresentação do pardo como uma forma de apagamento do negro no corpo social. É importante a ressalva do pardo como não branco, mas com uma leve aceitação no meio caucasiano. De imediato, durante a escravidão, o pardo encontrou-se nas intermediações entre a casa branca e a senzala: “[ele] foi capitão-de-mato, feitor, usado noutras tarefas de confiança dos senhores” (NASCIMENTO, 1978, p.69).

À vista disso, percebe-se o lugar do pardo acima do negro, mas não igualado ao branco. De acordo com Lauro Felipe Eusébio Gomes (2019, p. 68- 69), “Sua ascensão social, como liberto ou mesmo após a escravidão, era mais possível que aos pretos livres, justamente por, em uma sociedade regida pela norma branca, possuir mais tolerabilidade.”

Contrapondo a história da escravidão que, na maioria dos estudos, visibiliza apenas as dores do povo negro, é de suma importância ressaltar componentes que foram destaques durante a árdua luta desse povo tratado sempre com inferioridade. Conforme Bezerra (2011, p. 139), ‘na maioria das vezes, os africanos escravizados não sabiam ler ou escrever, portanto, a maior parte das fontes históricas utilizadas para o estudo da

³ Segundo dados de uma pesquisa do Instituto Ethos, realizada no último ano (2016), pessoas negras ocupam apenas 6,3% de cargos na gerência e 4,7% no quadro executivo, embora representem mais da metade da população brasileira. (BRASIL, Amcham, 2017).

escravidão é resultante do processo de controle burocrático e das diferentes formas de repressão institucionalizada no regime escravista.”

É possível assegurar que o trajeto de invisibilidade do preto foi dado desde sua abolição, visto que a “História da Abolição no Brasil” é ensinada e retratada nas escolas dando protagonismo ao caucasiano.

Segundo Machado de Assis (1893), citado por Renata Figueiredo Moraes (2018, p. 44),

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto.

É perceptível o entusiasmo de Assis neste simbólico dia: ao relatar o “delírio público” percebe-se a euforia dos que há anos esperavam pela alforria que dentre toda América apenas o Brasil ainda negava.

O heroísmo da abolição é dado quase inteiramente à Princesa Isabel⁴ que assinou a Lei Áurea e decretou o fim da escravidão no Brasil. É de suma importância ressaltar que a nova determinação não assegurava nada mais que a liberdade dos escravos, não houve nenhuma medida de compensação ou apoio aos libertos. Ao deparar-se com a “História do Brasil” entende-se que o ato da abolição foi um feito de benevolência da monarquia e do senado, mas ao aprofundar-se nos movimentos que se destacaram na época compreende-se que as manifestações dos grupos abolicionistas foi um dos grandes fatores que impulsionaram o fim do escravagismo.

A pressão popular e o crescimento das organizações abolicionistas foram cruciais para a decisão do governo. Protestos em defesa da liberdade dos negros tiveram avanços significativos antes mesmo da Lei Áurea ter sido decretada. A luta foi árdua, pois o Brasil viveu por mais de três séculos compactuando com a cultura escravagista. Os embates

⁴ Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaéla Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon ficou conhecida popularmente como Princesa Isabel. Foi a primeira menina, do imperador D. Pedro II e da imperatriz Tereza Cristina. Com a morte de seus dois irmãos homens, D. Afonso Pedro (1847), o primogênito, e D. Pedro Afonso (1850), foi declarada herdeira oficial do trono brasileiro pela Assembleia Geral do Império, em 10 de agosto de 1850. Durante sua primeira regência aprovou, em 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre, que alforriava todas as crianças nascidas de escravos após essa data. Também assinou projeto de lei que aboliu a escravatura no Brasil, conhecido como Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. (Adaptado). Retirado do Arquivo Nacional MAPA. Portal do Governo Brasileiro, 2018.

parlamentares, as manifestações artísticas, revoltas e fugas massivas foram extremamente significativas para pressionar a monarquia da época. Conforme Maria Leticia Xavier Salles (1946, p. 101) “[...] verdadeiros heróis anônimos que pela sua origem humilde, - homens e mulheres do povo e de pequena classe média, não receberam homenagem dos seus pósteros”. Assim, a autora evidencia o apagamento de personagens que foram o ponto de partida e participaram efetivamente da luta durante anos até o marco do “fim da escravidão”.

Ronaldo Sales Jr. (2008, p. 21) afirma que “ O abolicionismo conduziu ao fortalecimento de esferas e opiniões públicas autônomas, potencializando a ascensão social e a visualização de diferentes trajetórias afro-brasileiras.” O autor ressalta por meio do trecho acima a evolução do negro, sem precisar mencioná-lo como escravo.

De acordo com Angela Flores Alonso (2015, p. 17, grifo do autor).

O campo abolicionista tomou-se um terreno fértil para o envolvimento de diversas parcelas da sociedade, no qual atuaram desde os grupos de elite até as classes populares, nas suas diversas categorias e cores. Isso porque também este fato coincidiu com a invenção do próprio fenômeno *movimento social*, o qual, para existir, precisa organizar associações e eventos públicos, materializar-se como mobilização coletiva, o que só ocorre em conjunturas políticas que facilitam o uso do espaço público para exprimir reivindicações.

Alonso destaca, ainda, o envolvimento das mais variadas classes sociais integradas no meio abolicionista, os movimentos cresceram engajados na causa e com a força dessa união ganharam espaço e voz. Consoante Allana Pereira D’Ávila Souza (2018, p. 67), “políticos liberais já debatiam no parlamento que a escravidão era um entrave ao desenvolvimento econômico e social do país. Tanto a literatura e a imprensa da época passaram a retratar com maior veemência os contrastes e as problemáticas sociais da escravidão.”

Os movimentos artísticos e os meios de comunicação da época também tiveram papéis salientes dentro dos protestos libertários. Peças teatrais, declamação de poemas (abolicionistas) em praça pública, artigos em jornais, entre outras formas de expressões, foram utilizadas como protestos contra o escravagismo. Dentre estes meios, brasileiros negros tiveram destaque, mesmo que tardio, na história do abolicionismo.

Presente em grande parte dos livros e artigos que falam dos movimentos abolicionistas que se expandiram antes mesmo de 1888, José do Patrocínio estabeleceu

protagonismo neste momento da história do Brasil. “José do Patrocínio foi fruto do envolvimento de uma liberta quitandeira com o vigário da paróquia de Campos, dessa forma, tinha um passado familiar ligado à senzala e uma ancestralidade marcada pelo cativeiro.” (TUANE LUDWIG DIHL, 2016, p. 39). Seu reconhecimento foi estabelecido diante de sua grande luta em prol dos escravos, mas, além disso, ele foi jornalista e escritor, e chegou a publicar três romances.

De acordo com Marcos Teixeira Souza (2013, p. 1, grifo do autor)

Em um dos poemas, *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, escrito em 1877, Patrocínio narra, por meio da personagem Balbina, a aflição da mulher negra, rememorando assim o sofrimento de Justina do Espírito Santo, mãe do abolicionista. É nesse momento que Historiografia e Literatura se confundem e se aproximam.

É notório o quanto a Arte, Literatura e a Imprensa caminharam juntas diante das revoltas contra a escravidão. Estas manifestações permaneceram interligadas por diversos brasileiros que protagonizaram os anos finais do escravagismo. E Patrocínio é conhecido por fazer parte dessas junções, “por meio dos seus artigos nos jornais cariocas, Patrocínio defendia a Abolição diante da elite da época. Na tribuna parlamentar ou em praças públicas, discursava perante o povo o ideário abolicionista. E em ambos os espaços ele era efusivo nas palavras.” (SOUZA, 2013, p. 2).

Outro personagem que teve destaque durante o período pré-abolicionista foi Luís Gonzaga Pinto da Gama. Nascido livre foi vendido ainda criança pelo pai e vivera até os 18 anos como escravizado, e é considerado o único intelectual que passou pela vivência do escravagismo. Segundo Ligia Fonseca Ferreira (2007, p. 271 e 272), “poeta, jornalista e advogado, Luiz Gama é um dos raros intelectuais negros brasileiros do século XIX, o único autodidata e o único, também, a ter vivido a experiência da escravidão antes de obter ‘ardilosa e secretamente’, conforme assinala numa correspondência, as provas de ter nascido livre.”

Gama aprendeu a ler e escrever como estudante de Direito e, durante toda sua trajetória, contribuiu juridicamente para a libertação de escravos. Estimula-se que o advogado contribuiu para a libertação de cerca de 500 pessoas.

De acordo com Dihl (2016, p. 52).

Luiz Gama teria empreendido grande parte de suas ações abolicionistas amparado nos instrumentos jurídicos para prover a libertação de escravos. O estilo ativista dele consistiu em explorar a ambiguidade e as lacunas da

legislação acerca da escravidão tomando, assim, os tribunais verdadeiros espaços de contestação dessa instituição.

Além de sua contribuição no meio jurídico para o fim da escravidão, Gama também é considerado poeta, “‘entrou para o mundo das letras, um mundo quase exclusivo de brancos, graças à publicação da sua obra única *Primeiras trovas burlescas*, coletânea de poemas líricos e de sátira social e política” (FERREIRA, 2007, p. 272, grifo do autor). Apesar de sua condição racial ser menosprezada na época, não foi empecilho para o destaque de Gama na sociedade o qual se sobressaiu em todos os meios de que fez parte. “‘Pela primeira vez na literatura brasileira, ouve-se uma voz negra” (FERREIRA, 2007, p. 272). Como jornalista, publicava em suas colunas do Jornal Paulistano as falhas no meio jurídico que comprometiam os escravos e ex-escravos da época, “‘o polêmico advogado e jornalista trazia a público os erros de jurisprudência cometidos por juízes incautos, corruptos ou incompetentes, analisando pormenorizadamente sentenças de toda ordem proferidas nos foros da capital ou do interior” (FERREIRA, 2007, p. 274).

Segundo ainda Dihl (2016, p. 37)

Mesmo diante de todas as restrições pautadas em raça a que estavam sujeitos diariamente, negros e mulatos livres e letrados construíram seus entendimentos – não só em relação à campanha pela abolição, mas a partir dela – sobre o país do qual eram parte e participantes, projetando-se no espaço público enquanto pensadores, intelectuais, literatos e líderes.

José do Patrocínio e Luiz Gama são dois dos diversos negros que tiveram grande destaque na luta abolicionista, mesmo não obtendo tanto privilégio na história contada do Brasil. A introdução do branco como protagonista dos episódios antiescravagistas acabou sendo comumente aceita como parte da narrativa brasileira, mesmo abrangendo diversas parcelas da sociedade, o destaque foi dado quase que por completo para a elite da época. É importante salientar que os personagens negros citados acima foram suprimidos e apagados dessa importante luta durante anos.

2. A INVISIBILIDADE DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

A literatura brasileira é reconhecida e evidenciada e há anos tem um importante papel na cultura e educação nacionais. O conjunto de artes que compõem a literatura no Brasil abrange diversas classes sociais e é marcado por uma grande pluralidade e diversidade. Mesmo com toda a demonstração de multiplicidade dentro da literatura vernácula, há uma discrepância quando se trata do negro, há certa invisibilidade ligada ao período em que a literatura surgiu. “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizado que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade” (DOMÍCIO PROENÇA FILHO, 2004, p. 161). Em contrapartida, a história de negros e negras foi bastante explorada no meio literário, principalmente no que diz respeito às causas abolicionistas. Deste modo, pode-se afirmar que há dois pontos que podem mencionados, o negro na literatura e a literatura do negro.

De acordo com Proença (2004, p. 161).

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante.

Esse olhar superficial sobre o negro é retratado nas linhas de diversos poemas desde o século XVII, deste modo, foram criadas variadas versões para o preto. Tais como o escravo visto como nobre evidenciado no livro “*A escrava Isaura*” de Bernardo Guimarães; a realidade do negro como escravo, retratada nos versos de Castro Alves em “*O navio negreiro*”; o negro com perfil heroico, observado no poema “*Mauro, o escravo*” de Fagundes Varela; o negro infantilizado e subalterno visto em peças de teatro como “*O demônio familiar*”, de José de Alencar; o negro como escravo demônio, que aparece no romance “*As vítimas algozes*” de Joaquim Manuel de Macedo; o negro pervertido que surge na obra “*O bom crioulo*” de Adolfo Caminha, e há ainda o negro erotizado, como a personagem Rita Baiana em “*O cortiço*” de Aluísio de Azevedo. Ou seja, por meio destes exemplos, fica perceptível que este foi o modo de inserção por muito tempo do negro na literatura, seu reconhecimento foi dado como o de figurar nas obras e não como o de criador delas.

Ainda conforme Proença (2004, p. 174, grifo do autor)

O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento *perturbador* do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heroico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira, em termos de manifestações. Zumbi e a saga quilombola não habitam destaques nesse espaço.

Mesmo com o negro visivelmente inserido em diferentes representações nos versos e cenas, é importante esclarecer que essa inserção é rara e infrequente. “No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presentes na memória dos leitores.” (DUARTE, 2013, p. 146). Mas esse lado do negro como personagem é bem mais comum do que o negro como autor, que além de ser escasso, demorou anos para receber o devido reconhecimento. Essa carência da voz e versos de autoria negra está inteiramente interligada ao passado histórico de escravização, que até hoje demarca os afrodescendentes com inferioridade, mesmo após 132 anos do fim da escravidão explícita no Brasil. Em concordância com Duarte (2013, p. 146), “por mais que se recuse o mecanicismo sociológico que encara a arte como reflexo da realidade histórica e social, não pode o crítico fechar os olhos ao processo de redução do escravizado a mera força de trabalho braçal, pela via de seu embrutecimento enquanto ser humano.”

É notória que a história do negro ficou enraizada no escravagismo, a falta de escolaridade e oportunidades mesmo após a abolição deixou esse povo em posição inferior, o resultado foi uma raça com permanência constante em segundo plano quando relacionada aos caucasianos.

Em conformidade com Duarte (2013, p. 146)

A situação adversa existente a partir do treze de maio, marca da pela ausência de direitos mínimos como escolarização e saúde, e pelo tratamento excludente que manteve boa parte dos remanescentes do regime servil num estágio de dependência que, durante décadas, redundou em efetivo sequestro de sua cidadania.

Como menciona Duarte, houve um “tratamento excludente” por parte dos brancos para com os negros, o resultado disto implicou na ausência de vozes negras na literatura, configurando-a como branca e com traços eurocêtricos. Além disso, é de suma importância salientar que este era um meio elitista e como os negros da época não faziam parte da alta sociedade, adentrar nesta esfera era ainda mais inacessível. “Assim, prevalece em nossa história literária o vai e vem pendular, que ora opõe romantismo a realismo, ora contrasta o texto modernista ao parnasiano [...]”. (DUARTE, 2013, p. 146).

A questão racial no Brasil não era comumente questionada, foram anos de estagnação diante da diversidade étnica que vivia o país, a ordem da época era cada qual em seu devido lugar, levando em consideração cor e condição social.

De acordo com Jean-Yves Mérian (2008, p. 52)

A ideologia de superioridade da raça branca, ilustrada pelos discípulos de Darwin, assim como por Spencer, por Auguste Comte ou por Gobineau, não era combatida por nenhum intelectual e escritor brasileiro. A verdadeira, a única civilização era a europeia. A barbárie era africana, que dizer dos índios, cientificamente fadados ao desaparecimento.

Alguns poucos autores negros tiveram um ínfimo reconhecimento, não são tão populares como determinados poetas brancos, mas tiveram seus nomes e obras referenciados na literatura brasileira. Duarte (2013, p.146) refere-se a Luiz Gama como um poeta nada romântico que publicou suas sátiras às elites brancas em 1859, no auge do Romantismo entre nós, e ainda menciona Cruz e Souza, salientando sua redução a um reprodutor do simbolismo *fin de siècle*, quando na verdade sua escrita, inclusive em prosa, ultrapassava o projeto literário dos simbolistas e destaca que Cruz e Souza é conhecido como “negro de alma branca”. (sic!)

É reconhecido que mesmo com diversos nomes de poetas negros ligados a literatura brasileira, eles não tiveram o mesmo destaque e reconhecimento que os prosadores brancos obtiveram. Cabe destacar que o papel do negro no cenário literário foi por muitos anos o de personagem, o que dava destaque ao escritor, deixando o negro sempre como secundário. A literatura da época dava espaço para o negro como figurante, até mesmo como protagonista, mas nunca como criador das prosas e romances. Como mencionado anteriormente, alguns prosadores negros tiveram reconhecimento dentro da literatura brasileira, porém, de forma tardia, o que resultou num certo apagamento de poetas negros quando relacionados a poetas brancos.

Segundo ainda Mérian (2008, p. 53).

Nenhum intelectual ou escritor, mesmo mulato escuro ou negro, salvo poucas exceções, como Luís Gama entre 1860 e 1880, Lima Barreto e Cruz e Souza no começo do século XX, se atreveu a criticar ou sobretudo a questionar a ‘verdade’ da superioridade do branco e da civilização europeia. A suposta verdade científica, que tomou-se (sic) ideologia e mito, era ilustrada nos romances principalmente por personagens que encarnavam todos os estereótipos.

Deste modo, é visível que até os próprios escritores negros, demoraram a firmar-se dentro da literatura, com isto houve também a delonga na crítica a supremacia branca daquele período. Faz-se necessário o destaque de que o branco se firmou como exemplo

de cultura e civilização, as demais culturas divergentes foram vistas como inferiores e, conseqüentemente, invisibilizadas na época.

3. CASTRO ALVES: DA POÉTICA AMOROSA À RETÓRICA CONTRA A ESCRAVIDÃO

Antônio Francisco de Castro Alves nasceu na fazenda Cabaceiras, então freguesia de Muritiba, a poucas léguas da vila de Curralinho, hoje cidade de Castro Alves, Bahia, em 14 de março de 1847. Ainda menino recebeu o apelido de “Cecéu”. O legítimo baiano é filho de Antônio José Alves, médico e também professor. O pai do poeta atendia gratuitamente aos escravizados da época, o que pode ter influenciado na trajetória de Castro Alves como defensor dos escravos. A mãe do poeta é a dona de casa Clélia Brasília da Silva Castro, esta então filha da espanhola Dona Ana Viegas com o heroico soldado da Independência José Antônio da Silva Castro, que era comumente conhecido como “cavalheiro andante dos desertos, que lhe chamara, civicamente, *Brasília*, ficara na lenda e no terror do povo, com o apelido de major Periquitão⁵” (SILVA, 2012, p.19). Os pais do poeta eram considerados pessoas cultas e grandes apreciadores das artes. A familiaridade com negros escravizados fez parte da vida do poeta desde sua infância, faz-se necessário destacar sua ama de leite, Leopoldina. Em 1859, com 12 anos de idade, perdera a mãe, vítima de tuberculose, a perda materna abalou toda a família, que anos depois seriam abalados novamente por esta nefasta doença. Peixoto (1931, p. 8) e todos os outros biógrafos informam que Castro Alves possuía “um irmão mais velho, José Antônio, e um mais moço, Guilherme: todos poetas, um morto precocemente, louco, e outro, infeliz por casamento desigual [...]”. Tinha também “três irmãs, Elisa, Adelaide, Amélia, a do meio a predileta, eram prendadas, artistas, e floriavam no lar do poeta”.

O futuro poeta viveu a infância em sua cidade natal e ainda na meninice demonstrou vocação precoce para a poesia, Alves tinha apenas 13 anos quando recitou sua primeira poesia em público, em uma festa na escola. “Cresceu tendo contato com as literaturas de Horácio, Virgílio, Camões e os franceses Charles André, Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, sendo essa sua principal influência” (SILVA, 2017, p. 27). Mais tarde, em 1862, mudou-se para a cidade do Recife, onde o poeta iria fazer os preparatórios para ingressar na faculdade. “Na capital pernambucana, encontrou o alvoroço das vendas de produções de açúcar, o tráfico negreiro e a Companhia Dramática de Furtado Coelho” (SILVA, 2017, p. 28). Foi nesse meio tempo que conheceu a atriz

⁵ “Periquitão”, porque o major José Antônio da Silva Castro, “comandara o estouvado batalhão de Cachoeira de uniformes avivados de verdes dos caçadores — os “periquitos”, o batalhão sagrado de Maria Quitéria” (CALMON, 1935, p. 10).

Eugênia Câmara, dez anos mais velha, que desempenhou importante papel em sua lírica e em sua vida. O teatro nessa época desenvolvia um importante papel como meio de comunicação e era frequentado pela nata da sociedade e isso incluía os estudantes da capital. Em 1864, depois de duas vezes reprovado, conseguiu finalmente matricular-se na Faculdade de Direito. Cinco meses depois de chegar a capital pernambucana publicara o poema “A Destruição de Jerusalém”, no Jornal do Recife, juntamente com o poema “A Canção do Africano”, sendo este um de seus primeiros versos em defesa dos escravizados, pelo qual o poeta recebeu muitos elogios. Já no curso de Direito o poeta não era considerado um aluno de destaque.

Segundo Silva (2017, p. 29)

No dia 10 de agosto de 1865, discursou o poema ‘O século’, na abertura dos cursos jurídicos. Esse poema trouxe um forte apelo social e foi escrito para persuadir o leitor por meio de antíteses, hipérboles e metáforas. O poeta constrói, no poema, um exagero de imagens, que tomam forma ao ser declamado e passou a ser conhecido em todo o Recife.

Alves ficou bastante conhecido na época por suas declamações em meio à praça pública em defesa dos excluídos perante a sociedade. Além de um excelente escritor, o poeta ganhou fama por sua magnífica oratória.

Em 17 de maio do mesmo ano publica, no jornal “A Primavera”, sua primeira poesia sobre a escravidão:

“Lá na última senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo seu canto
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão”. (ALVES, 1865).

Castro Alves era absolutamente contra a escravidão, para ele era um absurdo viver num mundo com tamanha crueldade. Seu principal ideal era a luta pela liberdade. Em 1866, juntamente com alguns nomes como Rui Barbosa, Regueira Costa, Plínio de Lima e Augusto Álvares Guimarães fundou a Sociedade Abolicionista em Recife.

Uma característica muito marcada da biografia do autor é seu feitio galanteador. Era conhecido por ter um perfil de homem formoso, além disso, era bastante vaidoso, o que chamava bastante atenção das mulheres na época. “O poeta era alto, forte, esbelto, sensual, elegante e vaidoso. Saía de casa vestido de preto, colocava óleo nos cabelos, pó

de arroz no rosto e dizia, então, na frente de um espelho: *‘Tremei, pais de família! Don Juan vai sair. ‘’’* (VAINSENCER, p., 1, 2011).

Sua trajetória foi marcada por inúmeros romances, ele amou e foi amado por muitas mulheres. Mas três delas merecem destaque, por terem sido mais presentes na vida de Castro Alves. Um de seus mais marcantes casos de amor aconteceu com a renomada atriz Eugênia Infante da Câmara – esta, dez anos mais velha que o poeta - com quem viveu uma forte paixão. Castro era fascinado pela atriz e dedicou-lhe inúmeros versos de amor: “Fiz de meus versos a púrpura escarlate/ Por onde ela pisasse em marcha triunfal”.

Mas a duradoura lua de mel do casal teve fim, pois ambos tinham percepções distintas sobre o futuro. Ao se separarem, o poeta dedicou-lhe o poema “Adeus”, onde se despedia de seu grande amor:

Eu – já não tenho mais vida!

Tu – já não tens mais amor!

Tu – só vives para os risos,

Eu – só vivo para a dor!

Outra importante figura feminina na vida do poeta foi Idalina, uma moça humilde e simples. Foi o amor misterioso de Alves, nenhum de seus biógrafos conseguiu descobrir o sobrenome desta modesta moça. O romance vivido pelo casal durou pouco mais de um ano. Logo que se conheceram passaram a morar juntos, mesmo sem oficializar a relação. Moraram em uma casa alugada na Rua do Lima, afastados do centro de Recife, para desta forma evitar críticas da sociedade conservadora. O poeta dedicou-lhe alguns versos de seus poemas também, porém, não a chamava pelo nome de batismo, usava codinomes como Julieta, Adalgisa ou Bárbara. A história de amor do casal foi em um momento importante da vida de Castro Alves, pois o mesmo começava a ter apelo social em suas causas abolicionistas. A separação do casal deu-se após a viagem do poeta para Salvador, como Idalina não recebeu cartas do poeta, sentiu-se abandonada pelo mesmo.

Conforme o Dep. Nacional do Livro (1997, p. 60).

Consta que, devido à morte de seu pai, Castro Alves não escreveu à Idalina. Esta, julgando-se abandonada, tomou um rumo desconhecido, não sendo mais encontrada pelo poeta, quando este retornou a Recife. A ela Castro Alves dedicou os poemas, ‘Aves de arribação’ e ‘Os anjos da meia-noite: segunda sombra - Bárbara’.

Outro grande amor da vida de Castro Alves foi Leonídia Fraga, sendo esta seu primeiro “bem-querer”. Conheceram-se ainda na infância e por estar presente em todas as fases de sua vida o poeta a intitulou de “três anjos em uma mulher”. O casal de idas

e vindas, mas de sempre muito apego, viveram momentos muito felizes em Currallinho. O poeta dedicou muitas de suas poesias para “Déia” como a chamava carinhosamente.

Em 1870, no casarão de seus familiares, escreveu o poema “Fé, Esperança e Caridade”, com a epígrafe “eram três anjos – e uma só mulher”, dedicada à sua Leonídia.

Para lembrar a infância junto à namorada, ainda na primeira estrofe, o poeta escreve:

Quando a infância corria alegre, à toa,
Como a primeira flor que na lagoa,
Sobre o cristal das águas se revê,
Em minha infância refletiu-se a tua... ”

Ao rememorar as férias de 1865, em que o poeta passou com a família e consequentemente reencontrou sua musa de Currallinho, escreveu em seu poema:

Depois eu te revi... na fronte branca,
Radiava entre pérolas mais franca,
A altiva c’oroa que a beleza trança... ”.

Como forma de agradecimento pelos cuidados durante sua enfermidade, Alves finaliza seu poema enaltecendo todo seu afeto por Leonídia:

Hoje é o terceiro marco dessa história.
Calcinado aos relâmpagos da glória,
Descri do amor, zombei da eternidade!...
Ai, não! - celeste e peregrina Déia,
Por ti em rosas mudam-se os martírios!
Há no teu seio a maciez dos lírios...
Anjo da Caridade!...

Levando em consideração os registros do Dep. Nacional do Livro (1997), Leonídia mesmo apaixonada pelo poeta, viveu sempre a sua espera, a afeição de um pelo outro era intensa e totalmente diferente dos outros amores vivido por Alves. O afeto que ambos tinham era tão puro que Leonídia só se casou após a morte do poeta. Por se tratar de um homem bem apresentado socialmente e um grande cortejador das mulheres, Castro Alves teve outras mulheres marcantes em sua vida, como Agnese Trinci Murri, Ester Amzalack, Brasília Vieira e Sinhazinha Lopes.

Com o passar dos anos, o poeta já era conhecido por suas grandes obras e citações públicas, mas é importante ressaltar que isso não lhe rendia dinheiro, o poeta sobrevivia com a mesada que sua família lhe enviava mensalmente. Apesar de continuar estudando, o curso de Direito nunca esteve entre suas prioridades, os poemas lhe traziam mais prazer e reconhecimento. “Por onde passava, Castro Alves era recebido como um verdadeiro herói, recebendo convites constantes para participar de saraus literários e musicais, patrocinados pelo Arquivo Jurídico de São Paulo, bem como de manifestações políticas.” (VAINSENCER, 2011, p. 1).

Castro Alves abordou diferentes tipos de particularidades em seus poemas, mas suas principais inspirações eram a luta abolicionista e seu fascínio pela figura feminina.

Consoante Vainsencer (2011, p., 2)

Quanto ao teor da produção literária do poeta, este podia ser tanto brando e suave, cantando, como ninguém, a beleza das mulheres, quanto ser duro como um diamante, levantando as multidões, destemido, através do seu grito contra a dominação dos negros escravos, contra o tronco, o pelourinho e os horrores da senzala.

As menções sobre a beleza e o seu desejo pela figura feminina é vista em diversos versos de Alves, além disso, pode-se notar um cuidado formal na representação literária de cada mulher evocada, seu jeito conquistador é extremamente nítido em seus poemas. No livro *Espumas flutuantes* este ponto é bastante explorado, como, por exemplo, no poema “A uma estrangeira”:

Às vezes estremecias...
Era de febre? Talvez...
Eu pegava-te as mãos frias
P’ra aquetá-las em meus beijos...
Oh! Palidez! Oh! desejos!
Oh! longos cílios de Inês

(ALVES, 1921, p. 200).

Outro lado do poeta que o faz ter reconhecimento hodiernamente é seu perfil abolicionista. Ficou conhecido como “poeta dos escravos”, pois os defendia veementemente. Dedicou livros, poemas e muitos versos de sua escritura aos negros da época. Castro Alves demonstrava indignação e repúdio às atrocidades a que os escravizados eram submetidos. É possível observar sua discordância sobre a escravidão no poema “A visão dos mortos”:

Aonde a terra que talhamos livre,
Aonde o povo que fizemos forte?
Nossas mortalhas o presente inunda
No sangue escravo, que nodoa o chão.
Oh! É preciso inda esperar cem anos...
Cem anos... brada a legião da morte.
E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,
Sacode o grito soluçando – o norte.
Sobre os corcéis dos nevoeiros brancos
Pelo infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as névoas como pó do espaço
Da lua pálida ao fatal clarão.

(SILVA, 2006, p.92)

Castro Alves utilizava seus poemas para lutar em prol da liberdade dos escravizados da época. Segundo Conceição e Menezes (2011, p. 5) “A genialidade com que Castro Alves escreveu sua poesia, de forma eloquente, aberta e franca, foi algo inovador em sua época. A eloquência com que versejou tem o objetivo de conquistar seu interlocutor para a causa abolicionista.” Um de seus poemas que mais ganhou visibilidade e que lhe deu reconhecimento nacional nas causas abolicionistas foi “O navio negreiro: tragédia no mar”, os versos que compõem este poema retratam toda a miséria e a violência humana praticada contra os pretos durante o tráfico de escravizados. O poema retrata principalmente as condições desumanas a que estas pessoas eram conduzidas:

Presa nos elos uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

(ALVES, 2010, p. 3).

O trecho citado acima é apenas uma estrofe do longo poema “O navio negreiro: tragédia no mar”, que retrata de forma verídica a viagem marítima da África para o Brasil em navio lotado de negros que seriam escravizados em território nacional, mas que já sofriam cruelmente antes mesmo de chegar ao solo brasileiro.

De acordo com Silva (2017, p. 36).

O poema, ao longo dos anos, tem sido considerado um documento de referência, quanto ao sofrimento dos escravos africanos. O poeta registrou a viagem de um navio que conduzia os escravos da África para a colônia Brasil. As dificuldades vividas durante esse percurso e a maneira brutal como eram tratados. Com uma linguagem marcante, Castro Alves traduz em palavras esse sofrimento e a cada leitura nos transporta para dentro do navio. Faz-nos sentir a angústia, o cheiro, a dor da alma e física daqueles que tiveram sua liberdade ceifada.

Há outros poemas abolicionistas e de cunho político a que Castro Alves se dedicou em sua obra *Os escravos*, como “O vidente” e “Vozes da África”.

Apesar do grande talento do poeta, sua vida não foi das mais fáceis, ainda jovem, durante uma caçada, a descarga acidental de uma espingarda lhe feriu o pé esquerdo, que, sob ameaça de gangrena e por causa da fraqueza dos pulmões teve que fazer a amputação sem anestesia. Em meados de 1869, sua saúde, que já era debilitada desde os 17 anos se agravava ainda mais. Daí por diante, apesar do declínio físico, ainda produziu grandes, belos e intensos versos. Quando muito debilitado, escreveu o poema “Quando eu morrer”:

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
No fosso de um sombrio cemitério...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante desse hotel funéreo.

(COSTA, 2014, p. 29)

Castro Alves viveu seus últimos dias de vida em Curralinho, sua terra natal. Sua situação física estava bastante combalida, pois o mesmo encontrava-se deficiente e tuberculoso, mas isso não abateu a criatividade e originalidade do autor. Durante a viagem de sua volta criou sua obra *Espumas flutuantes*.

Conforme Silva (2017, p. 33, grifo do autor)

Olhando a imensidão do mar, observou as águas marítimas batendo no casco do navio, provocando o aparecimento de espumas, surgiu o nome que deu ao seu livro de poemas: *Espumas flutuantes*. O título tinha um imenso significado,

assim como o barco deixava seu rastro pelo mar, o poeta deixaria seus versos como rastro na imensidão da vida.

Ao voltar para a casa em que passara a infância, ficou sob os cuidados da família, que o amparou durante seus dias de enfermidade. Faleceu de tuberculose em 1871, aos 24 anos, sem ter podido acabar o maior projeto a que se propusera, o poema *Os escravos*, uma série de poesias em torno do tema da escravidão. “Na cama, diante da grande janela e do infinito azul, como ele queria, imóvel, os olhos fixos na amplidão, a luz do olhar foi-se desfazendo, até se extinguir completamente às três e meia da tarde.” (COSTA, 2014, p. 37).

4. O CONDOREIRISMO AMOROSO DO VATE BAIANO

O Romantismo chega ao Brasil trazendo grandes mudanças na literatura brasileira. Uma nova linha literária surgia, realçando a nação, a natureza e toda sua cultura. “O movimento romântico contribuiu de forma fenomenal e definitiva com a autonomia da literatura brasileira, pois, a partir dele, os gêneros literários ganharam liberdade em sua temática e forma, possibilitando aos escritores uma escrita tipicamente nacional.” (SILVA, 2017, p. 25).

Oriundo dos países precursores como Alemanha, Inglaterra e França, esse movimento difundiu-se com as concepções da Revolução Francesa. O que o diferencia dos demais projetos literários é, dentre outras características, a exaltação da cultura nacional. Nas três gerações⁶ em que o Romantismo se dividiu, ao enaltecer a identidade de origem, a língua, os costumes e a religião começou a se fazer presente na literatura brasileira, além disso, discursos de rebeldia e anticonformismo fizeram parte da revolução política da época.

Em conformidade com Bento Souza Borges e Fabricia Carla Xavier dos Reis (2017, p., 2), “Apesar de ainda se basear em obras e autores europeus, [o Romantismo] passa a produzir suas próprias obras e a dar voz à cultura e às belezas do País, falar de seu povo ora maravilhado pelas vitórias político-econômicas, ora desiludido pela falsa sensação de progresso.”

E é mediante as reivindicações que Castro Alves se fez presente na terceira geração do romantismo, em meio a efervescentes protestos abolicionistas, as obras do poeta que, além de serem publicadas em renomados jornais da época, foram também declamadas em praças públicas como forma de manifestação contrária ao regime escravocrata.

Segundo Camilla Cafuoco Moreno (2009, p. 2).

A produção literária desse período foi chamada de social uma vez que defendia os ideais abolicionistas e da República e, foi denominada, também, hugoana, pois sofreu uma considerável influência do escritor romântico francês Victor Hugo, que também, destinava suas criações literárias às causas sociais.

⁶ A primeira geração foi considerada como nacionalista ou indianista representada por Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. A segunda geração foi ultraromântica ou, também, geração “mal-do-século”, representada por Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela e, a terceira geração, denominada de poesia condoreira, teve como seus maiores representantes Sousaândrade e Castro Alves.

Intitulada como geração condoreira⁷, esta corrente literária tinha o foco voltado para o social, “os poetas dessa geração tinham o intuito de fazer a poesia com a função de ser um instrumento de reforma social” (MORENO, 2009, p.3). Deste modo, Castro Alves destacou-se de forma quase que singular, pois grande parte de suas obras foram poemas que denunciavam os abusos e as condições a que os negros escravizados eram submetidos, com isso conseguiu apoiadores, que também lutavam pela abolição; Alves distinguiu-se por criar uma poesia comprometida com os ideais que defendia, por essa razão ficou nacionalmente reconhecido (ainda hoje) como “poeta dos escravos”. Um de seus mais célebres poemas é o “Navio negreiro: tragédia no mar”, o próprio título já manifesta a indignação do poeta que utiliza o termo “tragédia” para denunciar as condições cruéis em que os escravizados trazidos da África para o Brasil eram transportados, uma ação corriqueira da época. Em seus versos é visível seu descontentamento e sua indignação mediante a trajetória do povo escravizado:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vão!

(ALVES, 2013, p. 21)

⁷ O nome “condoreira” está diretamente ligado ao pássaro andino, o condor. Essa nomenclatura foi eleita por Capistrano de Abreu. Este pássaro quando chega à fase adulta atinge três metros de envergadura entre uma asa e a outra e seu voo é muito alto, fato que representa claramente os ideais desses poetas, ou seja, a liberdade.

O poeta consegue transmitir de forma realística o sofrimento e a dor física a que os escravizados eram submetidos, utilizando um estilo dramático, hiperbólico, exclamativo e com representações metafóricas; deste modo, Alves conclamava para criticar e contestar o tráfico de negros que era “aceito” ordinariamente pela sociedade.

Silva (2017, p. 25) ressalta que o desenvolvimento linguístico do Romantismo no Brasil passou por Álvares de Azevedo e fixou-se em Castro Alves, que determinou um lirismo, que fez com que a poesia transpassasse o verdadeiro sentimento da realidade brasileira. Além disso, foi por meio dessa escola literária que o escritor foi inserido como profissional na sociedade e tornou-se um idealizador de reformas sociais e políticas.

Castro Alves acima de tudo buscava a liberdade do povo escravizado, sua luta durante seu pouco tempo de vida foi em prol desse determinado grupo que vivia excluído e massacrado por toda a sociedade. Por meio de suas obras, o poeta demonstrou sua revolta e aversão sobre o modo de vida dos escravizados. Por todos os meios cabíveis, Alves expressou sua indignação, publicou artigos em jornais, escreveu livros, criou diversos poemas e fazia questão de exprimi-los sempre que possível, fazia isso por meio de declamações públicas nas praças e teatros das cidades em que passou, consagrando-se e popularizando-se no meio político e literário.

5. NAVIO NEGREIRO: A FACE HEDIONDA DA ESCRAVIDÃO

Sendo um dos precursores de ideais abolicionistas dentro da literatura, Castro Alves conseguiu construir um grande repositório de obras que contribuíram de modo veemente na luta contra a escravidão. O poeta em seus 24 anos de vida alcançou grande prestígio dentro da literatura e no meio social, participando intensamente na luta pela liberdade dos escravizados. Seguindo as linhas do Romantismo, Alves destacou-se por criar uma poesia comprometida com os ideais que defendia, além disso, por meio de seus versos, inseriu o negro na literatura brasileira. “O Navio Negreiro: tragédia no mar” é um de seus mais afamados e egrégios poemas. Trata-se de uma obra histórica utilizada ainda hoje nas escolas como modelo para o estudo da escravidão.

Comentado [M1]: Repetido no capítulo anterior

“O navio negreiro: tragédia no mar” é dividido em seis partes e composto por um total de 34 estrofes. É de suma importância ressaltar que o tráfico de escravizados⁸ era uma ação proibida dezoito anos antes da construção do poema. Ao fazer essa análise do tempo, questiona-se o que levou o poeta a criar essa socialmente importante e histórica obra? Apesar da “proibição”, sabe-se que não havia fiscalização ou órgãos que defendessem os escravizados, mesmo havendo grupos abolicionistas, não eram de tamanha força para impedir as atrocidades dos grandes escravistas da época. Além disso, é nítido o esforço do poeta em querer mostrar a dimensão de tal tragédia e no que resultavam os frutos escravocratas. Para mais, os negros da época continuavam sendo escravizados e penavam da mesma forma, ou até mais, do que sofriam no trajeto África/Brasil.

De acordo com Maria Braga Barbosa (2011, p. 37, grifo da autora)

O poeta busca a grandiosidade na forma para alcançar a eficácia no seu tratado sobre este tema de peso, grandioso e polêmico (o tráfico de escravos, o martírio de homens sem culpa e a participação da *pátria amada* em tal processo), convencendo o leitor sobre o tamanho da tragédia.

Desde o começo do poema percebe-se que o autor se coloca no papel de estar inserido no local (navio), pois inicia a primeira, segunda, terceira e quarta estrofes com o segmento: “Stamos em pleno mar...”. Sua inserção se dá como observador e testemunha do que ocorre no navio e em todo momento ele demonstra o caos e absurdos que ocorrem

⁸ Decreto nº 731, de 14 de novembro de 1850. Lei N.º 581, que estabelece medidas para a repressão do tráfico de Africanos neste Império. Câmara, Eusebio de Queiroz Coitinho Mattoso. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1850, Página 233 Vol. 1 pt. II.

em meio à viagem. Segundo Barbosa (2011, p. 37) “O condoreiro, então, advoga a causa dos escravos através de um eu lírico altamente consciente da sua função e capacidade, usando os argumentos irrefutáveis que só na poesia são possíveis.”

É por meio da literatura que Castro Alves denuncia as barbáries do sistema escravista, para isso o poeta utiliza o poema como campanha abolicionista e aproveita seu poder de persuasão para sensibilizar os leitores. Esta sensibilidade pode ser identificada, por exemplo, na separação das dores, o vate baiano faz questão de identificar o sofrimento das crianças, mulheres e homens que ali navegam. Como na oitava estrofe da primeira parte:

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

E na segunda estrofe, da quarta parte:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

O uso de vocábulos explícitos também faz parte do apelo para a compaixão com a causa. O poeta faz questão de adjetivar os estados em que se encontram os negros do navio, como modo de comover o leitor. O que faz todo sentido, se compararmos com uma propaganda de algo na contemporaneidade, como a emoção, empatia e apelo podem ser elementos utilizados para convencer um determinado público alvo.

Um aspecto relevante que deve ser mencionado é a analogia entre o mar e o céu que o poeta faz questão de fazer em várias estrofes, para isso, utiliza elementos que remetem a estas duas esferas da natureza nos versos “ ‘Stamos em pleno mar...’/ ‘ ‘Brinca o luar — dourada borboleta’ ” / “ ‘Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...’ ” /

“Veleiro brigue corre à flor dos mares,” / “ Como roçam na vaga as andorinhas...””. O poeta faz do mar e do céu um ambiente aberto, livre, ecoando-os como libertários.

Mesmo tentando fazer do início do poema algo mais brando e afável, em um termo ou outro o poeta profere algo mais intenso e de cunho repugnante, abrindo caminho para as estrofes seguintes nas quais manifestará sua indignação com a causa escravocrata. Conforme Esposte et al (2018, p. 125) “é possível perceber que além de contar a realidade vivida dentro dos navios, o eu lírico descreve os elementos naturais que os circundavam, com uma linguagem declamativa e exclamativa para expressar indignação e grandiloquência.”

Outra particularidade exercida pelo poeta é o ato de fazer indagações durante os versos, nota-se que este é um ponto bastante oportuno, pois desperta clamor no leitor. Além disso, o eu lírico insere-se na posição melancólica para apiedar quem o lê, como é possível observar na estrofe a seguir:

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Nesta estrofe, o poeta adentra-se no poema, demonstra estar presente na ação e na composição dos versos. Apesar de não fazer parte do povo que sofria as atrocidades da escravidão, Alves se põe na posição de quem estava no navio, como alguém que participara da viagem e isto é feito por meio do vocabulário virtuoso utilizado pelo poeta.

Segundo Bárbara Del Rio Araújo (2011, p. 2, grifo da autora)

Tomada como instrumento, a poesia castroalvina teve pela crítica literária o quadro poético transferido para o quadro político-histórico, desempenhando uma função ilustrativa e informativa de modo que a forma, a composição estética, fosse suplantada pela representatividade ideológica. Assim como o autor foi denominado ‘poeta dos escravos’ ou o ‘poeta da liberdade’, o poema ‘O Navio Negreiro: Tragédia no mar’ extraído do livro Os escravos também foi, por muitas vezes, apresentado pelo seu aspecto social, possuindo o epíteto de ‘canto abolicionista’.

Considerando o pensamento de Araújo (2011), Castro Alves faz questão de exercer seu papel de abolicionista e clama por liberdade por meio do poema “O navio negreiro: tragédia no mar”, e faz uso de diversas metáforas ligadas a liberdade, tendo

como exemplo a décima primeira estrofe da parte 1 do poema. O poeta usa a ave albatroz⁹ para fazer alusão ao grito de liberdade dos escravizados, levando em consideração a grandeza deste pássaro, além disso, utiliza o sinal de exclamação com o objetivo de demonstrar intensidade e reforça seu clamor contrastando elementos da água e do ar para enfatizar a estrofe. Para isso menciona um ser mítico bíblico o “Leviathan”, realçando a ideia de grandeza e liberdade, como segue abaixo:

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

Na segunda parte do poema, Alves menciona marinheiros de diversos países, caracterizando-os com suas particularidades e enaltecendo-os em meio às descrições dos desafios que cada um deles sofre durante as viagens marítimas.

De acordo com Ana Fernandes (2011, p. 4, grifo da autora)

A cada nacionalidade ele associa um referente diferente: ao Espanhol, “as cantilenas / Requebradas de langor”; ao Italiano, a cultura lírica clássica (“Relembra os versos de Tasso”) ou o mito de Romeu e Julieta (“Canta Veneza dormente / — Terra de amor e traição”); ao Inglês, o espaço insular e o conquistador Nelson; ao Grego, a cultura clássica através da figura de Ulisses e do poeta Homero (“Do mar que Ulisses cortou, [...] Vão cantando em noite clara / Versos que Homero gemeu...”). Os únicos marinheiros que não têm qualquer referente são os Franceses, aludindo-se de forma generalizada a um passado glorioso (“Canta os louros do passado / E os loureiros do porvir!”).

A terceira parte do poema é tomada por uma perspectiva fúnebre e mortuária. O cenário expressado pelo autor é o de uma imagem horripilante, algo que se faz necessário chamar por Deus para clamar a monstruosidade que ele presencia no navio. Percebe-se que o episódio visto pelo poeta o deixa apavorado e o mesmo demonstra seu espanto utilizando sucessivas exclamações e uma linguagem emotiva:

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!

⁹ Ave de habitat marinho, da família dos diomedédeos, migradoras, de cor branca, corpo robusto, asas longas e cauda curta; com mais 3,5 metros de envergadura, sendo encontrada no hemisfério sul, é considerada a maior ave voadora do mundo. ALBATROZ. In DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/albatroz/> >. Acesso em: 02 jul. 2021.

Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

A quarta parte do poema é retrata de maneira mais explícita o que ocorre no navio. O poeta começa a descrever as crueldades a que os escravizados eram submetidos. Vocábulos relacionados à escravização passam a ser mencionados dentre os versos, tais como "sangue", "ferros", "açóites". Ainda nesta primeira estrofe Alves ressalta e deixa nítido que é a raça negra que é submetida a estas situações e a destaca com a seguinte expressão: "Legiões de homens negros como a noite".

As estrofes que sucedem a quarta parte evidenciam e detalham ainda mais os castigos e tormentos a que os negros eram expostos a bordo do navio. O poeta descreve com clareza ações que os escravizados sofreram a fim de comover o leitor e o fazer se transportar para a cena narrada. A segunda estrofe demonstra o apelo que Alves faz perante as mulheres e as crianças que ali estão. Sua descrição relata inclusive aspectos físicos da figura materna, mencionando os seios como "tetas", especificando as "bocas pretas" das "crianças magras". Para além, o autor detalha as "outras moças, nuas e espantadas", algo comumente vivenciado pelas escravizadas. "O eu lírico quer que se reflita a miséria humana, que se tenha piedade daqueles indivíduos impotentes, submetidos a uma situação horrenda." (ESPOSTE ET AL, 2018, p. 127).

Na terceira estrofe o poeta é metafórico e faz alusão a uma orquestra que remeteria a um conjunto sinfônico, algo com maestria, mas, logo a seguir, ele se refere à expressão "estridente" para relatar o barulho e ruído que sonoriza no navio. Ainda nesta estrofe o poeta continua referindo-se aos sons e menciona castigos comumente cometidos contra os escravizados da época, destacando que "Ouvem-se gritos..." e "o chicote estala".

A escravidão é ordinariamente remetida ao cativo, aferrolhado, acorrentado entre outros vocábulos relacionados com cárcere. Castro Alves usa expressões como "elos" e "cadeia" para expressar o modo de reclusão a que os escravizados eram tratados dentro do navio. Para além, relata os resultados que esse aprisionamento ocasionou aos navegantes negros que ali estavam vivenciando os efeitos de tamanha crueldade:

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

De acordo com Fernandes (2011, p. 24, grifos da autora)

A imagem de Inferno surge como um pesadelo em que já não são corpos, mas 'sombras' que se anunciam. Num tumulto de ruídos ('Gritos, ais, maldições, preces ressoam!') sobressai Satanás como se Deus estivesse surdo às preces, esse Deus a quem o sujeito poético recorre ainda na secção seguinte.

E deste modo encerra-se a quarta parte do poema, destacando-se por manifestar-se de forma explícita e impressionável. Além disto, a estrofe é retratada de maneira socialmente política, revela um cunho social e apela para a empatia e comoção do leitor, reivindicando o mínimo para um povo massacrado pela sociedade. Castro Alves consegue demonstrar por meio de seus versos indignação e, deste modo, vindicar a abolição dos escravizados.

A quinta estrofe do poema é baseada na súplica do poeta por melhoria nas condições dos que ali navegam. É utilizada uma linguagem religiosa seguida de pedido de clemência ao considerado mais poderoso entre os homens. O poeta intensifica seu clamor contrastando o que se passa no navio com um ato de loucura, pois acredita ser algo impossível de crer, já que tudo se passa diante dos "olhos de Deus", e implora:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Na estrofe a seguir, Castro Alves permanece com sua indignação diante do que ali presencia e mais uma vez questiona a Deus o porquê de não olhar para esse povo. Para

reforçar sua manifestação, insulta a figura divina afirmando que ao invés de compadecer-se, Deus ri da situação dos que ali estão. O poeta se utiliza da divindade superior para tocar o coração dos que o leem, e faz questão de ressaltar que até o maior entre todos os homens não ampara aquele povo sofrido. Num momento em que a religião tinha grande influência sobre a sociedade, reivindicar o fim da escravidão, fazendo menção a Igreja, era de grande importância para a luta abolicionista, mesmo que isto soasse de forma negativa para a população conservadora da época; Castro Alves era um jovem rebelde e revolucionário, que dedicou parte de sua juventude para vindicar seus ideais, mesmo que isso provocasse a grande e alta classe escravocrata da época.

A terceira estrofe da quinta parte faz alusão à solidão vivida pelos escravizados, para salientar o desterro que os escravizados viviam, o poeta os chama de “filhos do deserto”; para além, utiliza uma linha do tempo que demonstra a passagem do que eles eram e do que se transformaram devido às crueldades do homem branco:

Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

Na quarta estrofe, Castro Alves destaca o sofrimento das mulheres negras e utiliza adjetivos como “desgraçadas”, “sedentas”, “alquebradas” para enfatizar a aflição que elas ali viviam. O poeta romântico também ficou conhecido por enaltecer as mulheres em muitos de seus poemas, então seria “normal” que ele destacasse a figura feminina na referida poesia social. Para despertar ainda mais a emoção do leitor, Alves utiliza expressões perturbadoras para denunciar a barbárie que as mulheres, principalmente mães, sofriam, além disso, o poeta as assemelha a Agar¹⁰, personagem bíblica de mãe martirizada:

De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,

¹⁰ Na literatura, a sua história tão humana de mulher que empresta o corpo a Sara, esposa de Abraão, para lhe assegurar a descendência através do filho Ismael, ultrapassa o tema paradigmático providencial da Bíblia. É representada como a vítima da ingratidão de Sara, da cobardia de Abraão, conservando ambos um papel positivo e remetendo para Deus a responsabilidade de banir Agar (BRUNEL, 2002, p. 40-51).

N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Na estrofe seguinte, Castro Alves utiliza um vocábulo da primeira geração do Romantismo, isto porque desfruta das características nacionais para demonstrar uma realidade da beleza e harmonia nacional e faz um cronograma, iniciando com traços benevolentes e finaliza a estrofe se despedindo do que seria bonito, benévolo e gentil. Para enfatizar esse início agradável e o fim deteriorado, repete a palavra “Adeus” com uso de reticências para intensificar o final do que já fora agradável:

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
...Adeus, ó choça do monte,
...Adeus, palmeiras da fonte!...
...Adeus, amores... adeus!...

Ainda utilizando termos impactantes, a sexta estrofe é baseada na solidão, dor e crueldade que os escravizados viviam durante o trajeto. As menções à palavra “deserta” fazem com que o poeta desperte no leitor o semblante de abandono e desterro. Ao expressar a dor do negro, refere-se a “a fome, o cansaço, a sede”, estados comuns sentidos por escravizados. Para finalizar a estrofe, Alves relata a irrelevância que aquele povo tinha para a sociedade, percebe-se que o poeta faz uma alusão a insignificância do corpo negro em vida e em morte e conclui a estrofe com os seguintes versos: “ Vaga um lugar na cadeia/ Mas o chacal¹¹ sobre a areia/ Acha um corpo que roer. ”

¹¹ Zoologia Mamífero carniceiro da Ásia e da África, pouco mais ou menos do tamanho de uma raposa, que se alimenta principalmente com os restos deixados pelos grandes animais. CHACAL. In DICIO, Dicionário

Deste modo, considera-se que o poeta afirma com a finalidade de manifestação social que o corpo negro em vida ou em morte não tem importância diante da sociedade da época. Ao trazer essa menção do poeta para a contemporaneidade, é possível mencionar um trecho da canção “A carne”¹², de Elza Soares,¹³ que expõe a desvalorização do corpo negro da sociedade:

Só-só cego não vê
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra
(CAPPELLETTI et al., 2002)

Esta parte da música remete na contemporaneidade como na grande maioria das vezes o negro ainda sobrevive e isto pode ser remetido aos vestígios da escravidão da época de Castro Alves.

A sétima estrofe é tomada pela crueldade e desumanidade vivida nos cativos do navio, uma das partes mais fortes e intensas da descrição dessa tragédia no mar. Isto porque Castro Alves narra com detalhes os castigos ali aplicados, mencionando fatos como: “o porão negro, fundo, / Infecto, apertado, imundo, / Tendo a peste por jaguar...”. Para firmar a perversidade dos marinheiros para com os negros, Alves relata a crueldade com que os cadáveres eram tratados no navio, pois eram simplesmente descartados ao mar: “E o sono sempre cortado/ Pelo arranco de um finado, / E o baque de um corpo ao mar...”.

A penúltima estrofe da quinta parte retoma a contradição entre dois tempos, pois remete ao ontem e a hoje, ressaltando que no passado tinha plena liberdade e hoje não estão livres nem para morrer; para ir além, o poeta ressalva os aspectos da escravidão utilizando vocábulos como: “corrente, lúgubre, roscas da escravidão, som do açoite”.

Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/albatroz/>>. Acesso em: 04/07/2021.

estes termos são usados para reafirmar a dor da escravização no cenário marítimo, ecoando a indignação do eu lírico diante de tamanha crueldade.

A última estrofe é narrada por uma grande súplica do poeta, percebe-se que ele demonstra todo seu clamor diante das injustiças que ali presencia. Mais uma vez Castro Alves faz questão de usar a religiosidade para suplicar que a sociedade observe o tamanho da barbárie a que os escravizados estão submetidos. A manifestação do poeta é de tamanha gradeza, ele faz alusão à loucura para explicar sua não concordância com o que ocorre no navio. É de suma importância ressaltar que Alves faz uma separação ao suplicar socorro aos escravizados, para isso, clama ao “Senhor Deus dos desgraçados” e só depois se questiona sobre a sanidade do “Senhor Deus” sobre o que ali presenciara.

Na sexta e última parte do poema, Castro Alves aproveita-se do nacionalismo para expor a exclusão dos escravizados diante da sociedade, sua indignação é dada ao esclarecer que o povo patriota se esquece de que há um povo vivendo em situações desumanas e que a aristocracia da época apenas ignora a situação existente há mais de 200 anos, pois, de acordo com Fernandes (2011, p. 25), “o sujeito poético lamenta e critica a sua pátria por se servir de actos infames como a escravatura”.

Nestas últimas estrofes, Castro Alves também apela para a divindade e indigna-se com o patriotismo de quem deveria proteger esse povo excluído. Para além, Alves questiona o maior dos símbolos nacionais, a bandeira, que representa tanto orgulho para tantos e, ao mesmo tempo, despreza as condições cruéis a que tantos e tantas estão submetidos há centenas de anos. Para ressaltar o nacionalismo, o poeta remete às cores da bandeira, mencionando a expressão “Auriverde¹⁴” e a liberdade e esperança que tanto era remetida ao povo brasileiro, mas que esquece uma parcela praticamente não considerada da sociedade, como é possível observar nos versos a seguir:

E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!..

¹⁴ Verde e ouro; verde e amarelo: o auriverde pendão brasileiro. AURIVERDE. In DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/albatroz/>>. Acesso em: 04/07/2021.

Ao findar o poema, percebe-se no autor um sentimento de angústia ao remeter todas essas atrocidades a um país tão rico e de cunho tão esperançoso. Todo o poema é tratado como forma de protesto, pois a todo o momento Castro Alves indigna-se com a situação a que os escravizados eram submetidos durante o tráfico negreiro. A revolta do poeta é notória em todas as estrofes, e seus versos são repletos de descrições verídicas de crueldades e barbáries a que os negros eram submetidos. Uma percepção que Alves faz questão que o leitor tenha, é sobre o castigo vivido por homens, mulheres e crianças neste ambiente tão hostil e nada humano que os escravizados eram transportados. A imagem expressada pelo poeta por meio de seus versos demonstrava as situações horrendas e desumanas que aquelas pessoas eram submetidas; para além, Castro Alves apontava sentimento de revolta a todo tempo, inclusive com a religião, por isto implora tanto a Deus que olhe por esse povo tão punido e sem perspectiva de liberdade.

Em conformidade com Esposte et al (2018, p. 9)

O poeta dos escravos expõe com nitidez e eloquência detalhes dos horrores e castigos sofridos dentro dos navios, de forma que o leitor seja conduzido a imaginar cada parte desse ambiente, como se fosse transportado para outra realidade. Esse pico de linguagem simboliza os ideais libertários que o poeta defendia. Com isso, Castro Alves provoca uma reflexão sobre a miséria humana, para que se tenha piedade daqueles indivíduos impotentes, submetidos à extrema humilhação.

Ao analisar o poema “Navio negreiro: tragédia no mar”, entende-se que o poeta vai além de um texto literário. Em síntese, o que Castro Alves fez foi uma obra histórica em prol de um povo injustiçado por mais de 300 anos sem perspectiva de liberdade. Retratar as atrocidades que os negros viviam diante das viagens marítimas no tráfico de escravizados, fez com que os leitores absorvessem a catástrofe a que seres humanos foram expostos por tantos e tantos anos. Desde o próprio subtítulo já é possível fazer uma alusão ao que foi descrito pelo poeta, pois se trata realmente de uma grande tragédia que aconteceu durante muitos anos. Açoites, correntes, sangue e corpos jogados ao mar são descrições feitas pelo poeta, mas que realmente existiram, cabe ressaltar que por anos nada era feito. A condecoração/coroação de Castro Alves como “poeta dos escravos” não é dada à toa, pois o poeta foi um grande abolicionista diante dos escravizados e mesmo com pouco tempo de vida, deixou obras e feitos imensamente relevantes para a história da literatura brasileira e historicidade nacional. Com um poema perfeitamente harmônico, jogando com pausas, aliterações e repetições, Alves soube exprimir um sentimento de revolta moral contra a escravidão, sublinhando o sofrimento do escravo.

6. CRUZ E SOUSA: O LOUCO DA IMORTAL LOUCURA

Filho dos escravizados alforriados, Guilherme da Cruz, que tinha como profissão mestre-pedreiro, e da lavadeira Carolina Eva da Conceição, João da Cruz e Sousa nasceu em 24 de novembro de 1861, na antiga Desterro, atual Florianópolis. João da Cruz desde pequeno recebeu a tutela e uma educação refinada de seu ex-senhor, o marechal Guilherme Xavier de Sousa, de quem adotou o nome de família, Sousa. “Como o Capitão e sua esposa, Dona Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, não tiveram filhos, trouxeram o menino João da Cruz para o convívio na Casa Grande” (RIGHI, 2006, p. 23). Aprendeu francês, latim e grego e destacou-se em matemática tendo como professor, Fritz Müller. Além disso, estudou francês com o professor João José de Rosas Ribeiro (pai de Oscar Rosas, amigo do poeta). “Pela educação obtida, aos 7 anos (meados de 1868), Cruz e Sousa foi capaz de escrever seus primeiros versos com rima, fato que chamaria a atenção do Capitão Guilherme, face à valorização desse feito à época.” (RIGHI, 2006, p. 24). A vida do poeta foi repleta de luxo e regalias, ao menos durante todo o período em que viveu sob a tutela dos pais adotivos Marechal-de-Campo e D. Clarinda. Com a morte de ambos, Sousa viu-se desorientado e nada preparado para a vida independente.

De acordo com Elizabete Maria Espíndola (2016, p. 117)

Em relação à sua trajetória, um aspecto importante observado na literatura sobre Cruz e Sousa é a presença de assertivas generalizantes, como a ausência de relações afetivas com seus pais e a imagem de um poeta que assimilou os valores civilizatórios, o poeta de ‘alma branca’, como tentativa de ignorar sua origem africana e os dilemas e desigualdades produzidos pela própria instituição, a escravidão.

Por ter sido educado longe das senzalas, Cruz e Sousa foi criado sem quase nenhum vínculo de proximidade com os pais biológicos, assim sendo, eles não sabiam como lidar com os gostos refinados para roupas e comidas a que o escritor fora habituado.

Segundo Righi (2006, p. 24)

Assim, Cruz e Sousa começa a sentir na pele as carências, o preconceito racial, a pobreza, até então somente vistos pela janela do Solar Patriarcal Provincial do Segundo Império – a Casa Grande. Por conseguinte, violência, estigma, miséria e doença são marcas que atingiram o poeta primeiramente no plano do corpo e, mais tarde, em seu estilo literário.

Cruz e Sousa insere-se na vida literária e cultural aos 16 anos, criando seus primeiros versos. Em 1881, fundou o jornal semanal *Colombo* juntamente com Virgílio

dos Reis Várzea¹⁵ e Manoel dos Santos Lostada¹⁶, em Santa Catarina, um periódico crítico e literário de viés parnasiano. No ano seguinte, em 1882, começa a redigir a *Tribuna Popular*¹⁷, neste, utilizou o espaço para reivindicar a luta contra a escravidão e o racismo que assolava a população negra da época. A ligação do poeta com as causas abolicionistas sempre foi muito intensa e foi por meio de muitos de seus poemas que externou as atrocidades vividas pelos escravizados.

Conforme Righi (2006, p. 24)

Seu envolvimento com as questões escravistas atinge o ponto mais alto em 1883, ainda durante a excursão pelo norte do país com a 'Companhia de Teatro Julieta dos Santos', período no qual realiza conferências abolicionistas nas comunidades por onde passa.

Apesar de ter estudado e possuir uma forte influência da família Sousa que o apadrinhou, isto não foi suficiente para isentá-lo do racismo da época em que viveu, em 1884 foi convidado pelo sociólogo Francisco Luís da Gama Rosa¹⁸ para assumir o cargo de Promotor em Laguna (SC), porém, foi impedido, e o empecilho foi unicamente sua cor. Em 1885, dando continuidade as suas produções críticas, lançou o primeiro livro, *Tropos e Fantasias* em parceria com Virgílio Várzea.

De acordo com Espíndola (2016, p. 137, grifo do autor)

A publicação de *Tropos e Fantasias* não passou despercebida da crítica local. Francisco Antônio das Oliveiras Margarida¹⁹, diretor do jornal *O Abolicionista*, reconheceu-lhe certa originalidade e que poderia progredir, desde que acompanhasse o estilo dos mestres da época. Mas afirmou que os sonetos de Cruz e Sousa nada tinham de admirável e de novo, a não ser os inúmeros cacófonos e erros de metificação.

O poeta não aceitou a avaliação feita por Francisco Margarida e contestou as críticas recebidas:

'Há duas coisas no Brasil que são como que homogêneas. A política e a poesia, por não serem tomadas convenientemente a sério, por serem entregues a muitos espíritos pueris, duma penetração frívola e vulgar. Falar em poesia é, neste país, para a compreensão fácil e leviana de indivíduos inconscientes da verdade filosófica das grandes coisas tangíveis, uma imbecilidade, um entretenimento inútil, uma aspiração oca, vazia de senso e de critério.'

¹⁵ Virgílio dos Reis Várzea (1863-1941): Funcionário público, jornalista, professor, literato e escritor, natural de Desterro/SC.

¹⁶ Manoel dos Santos Lostada (1860-1923): Jornalista, poeta e militar, natural de Palhoça/SC.

¹⁷ Jornal abolicionista da época.

¹⁸ Francisco Luís da Gama Rosa (1851-1918): Médico e jornalista, natural de Uruguaiana/RS. Presidente da Província de Santa Catarina e da Paraíba, no século XIX.

¹⁹ Francisco Margarida: Jornalista, natural de Desterro/SC. Deputado Constituinte de 1910 e Deputado na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, por três vezes. Foi redator do jornal *Abolicionista* em 1884.

No mesmo ano, incube-se da direção do jornal ilustrado *O moleque*²⁰, as páginas do semanário expunham os abusos cometidos nos castigos físicos praticados por senhores aos seus cativos, além disso, solenizava as iniciativas de alforrias. Alguns anos mais tarde mudou-se para o Rio de Janeiro e trabalhou como arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), contribuindo também em vários jornais. O intuito do poeta era a ascensão social e a inserção intensa no meio literário. O cenário não foi satisfatório para Cruz e Sousa, sem conseguir incorporar-se a Corte, voltou para Santa Catarina. Por meio de uma carta enviada ao amigo Virgílio Várzea, Sousa relata sua insatisfação e aborrecimento diante da situação em que estava vivendo:

“Corte, 8 de janeiro de 1889.

Adorado Virgílio

Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à vida de miséria e sordidez, passando-a numa indolência persa, bastante prejudicial à atividade do meu espírito e ao próprio organismo que fica depois amarrado para o trabalho. (...)’²¹

Ainda assim, o poeta retorna ao Rio de Janeiro em 1890 e, nos anos seguintes, principalmente a partir de 1891, sua vida foi marcada por fortes acontecimentos, como a morte de sua mãe biológica.

O pessimismo e a angústia do poeta começaram a evidenciar-se em suas criações. Um de seus grandes poemas e que representou bastante o estado de espírito a que Sousa estava submetido, foi a obra “O Assinalado”. Por meio de quatro estrofes, Cruz e Sousa expõe suas aflições e frustrações, fazendo alusão a seus dilemas pessoais e à loucura.

Conforme Danilo Lôbo, (1993, p. 15).

Ao escrever as estrofes de ‘O Assinalado’ (Últimos Sonetos, p. 40), Cruz e Sousa já se dera conta de que o papel que os Fados lhe haviam reservado na vida era o de um personagem trágico. Ele era um dos predestinados, um dos assinalados, e havia tido a sorte de ser um dos escolhidos dos deuses para compartilhar os seus segredos.

²⁰ Periódico semanal de caráter crítico, literário e “bem humorado”. Com postura sempre a favor de causas liberais e progressistas, *O Moleque* registra a militância antiescravista de João da Cruz e Sousa em Desterro (SC).

²¹ Carta enviada a Virgílio Várzea em 8 de janeiro de 1889. In: MUZART, Zahidé Lupinacci, 1993, p. 33-35.

Em fevereiro de 1893, publicou *Missal* (prosa poética baudelairiana) e, em agosto, *Broquéis* (livro de poesia), dando início ao simbolismo no Brasil que se estende até 1922.

Segundo Espíndola (2016, p.116, grifo do autor)

As poesias escritas em prosa por Cruz e Sousa e publicadas na obra *Missal*, identificam-se, por exemplo, características que o situam entre a representação do mundo e das realidades sociais, bem como a criação de universos utópicos, por meio da linguagem simbólica.

O lançamento dessas grandes obras demarcou intensamente a vida de Cruz e Sousa na literatura, “esse lançamento demonstrou o amadurecimento intelectual do poeta e definiu a estética decadentista como identidade.” (ESPÍNDOLA, 2016, p. 142).

Ainda em 1893 é nomeado arquivista na Central do Brasil e casa-se com Gavita Gonçalves, também negra, com quem teve quatro filhos: o primogênito Raul (nascido em 22 de fevereiro de 1894); Guilherme (em 22 de fevereiro de 1895); Rinaldo (em 24 de julho de 1897); e João da Cruz e Sousa Júnior (em 30 de agosto de 1898). Todos morreram prematuramente por tuberculose, levando Gavita à loucura. Em consequência das condições de trabalho na EFCB, contrai tuberculose. Neste período, escreveu cartas para os amigos mais próximos, contando sobre a realidade em que vivia, ao amigo Nestor Victor²² escreveu:

“Meu Nestor

*Não sei se estará chegando realmente o meu fim; - mas hoje pela manhã tive uma síncope tão longa que supus ser a morte. No entanto, ainda não perdi nem perco de toda a coragem. Há 15 dias tenho tido uma febre doida, devido, certamente, ao desarranjo intestinal em que ando. Mas o pior, meu velho, é que estou numa indigência horrível, sem vintém para remédios, para leite, para nada, para nada! Um horror! Minha mulher diz que eu sou um fantasma, que anda pela casa (...)”*²³

À procura de um clima melhor para sua saúde, retira-se para a estação mineira de Sítio. Mas a doença não regride e o poeta morre em 19 de março de 1898, aos trinta e seis anos de idade.

²² Nestor Victor dos Santos (1868-1932). Poeta, contista, ensaísta, romancista, crítico e conferencista. Amigo de Cruz e Sousa e responsável pela publicação do livro *Cruz e Sousa* (1899) após a morte do poeta.

²³ Cruz e Sousa (SOUSA, 1995, p. 834).

As principais obras deixadas pelo poeta foram: *Missal* (1893), *Broquéis* (1893), *Tropos e fantasias* (1885) e *Evocações* (1898). Cruz e Sousa fez alguns poemas destinados aos momentos de escravidão da época, e evidenciou o grito de dor e sofrimento que os resquícios da escravidão trouxeram para sua vida.

7. O SIMBOLISMO PUNGENTE DE CRUZ E SOUSA

No século XIX a Europa foi palco de confrontos das seguintes correntes ideológicas: a absolutista, a liberal e a socialista. Em meio a estes conflitos surge o movimento simbolista, com Charles Baudelaire, e a publicação de sua obra *As flores do mal*, em 1857, que se opõe à ciência, à objetividade e ao Realismo, traços comumente utilizados nas obras da época.

Conforme Camila Paiva da Silva (2014, p. 17, grifo da autora)

As flores do mal de Baudelaire vão então causar um enorme escândalo, pois mexe não só com a sociedade em geral, como também com o cerne da poesia, por meio de temáticas que antes eram tabus. Tendo como cenário Paris do século XIX, o poeta fala da monotonia dos tempos modernos e de como isso lhe causa uma solidão existencial, além de coisas consideradas sórdidas e repugnantes.

Baudelaire traz em sua obra uma nova estética, o que transforma a literatura da época. Seu intuito foi modificar e romper o estilo poético clássico, que se destacava por expor a beleza à forma harmoniosa dos versos, “o conceito de beleza tradicional é questionado por Baudelaire, pois para ele era preciso extrair beleza da miséria, do feio e da coisa ordinária.” (SILVA, 2014, p. 17).

De acordo com Adailton Almeida Barros (2017, p. 73, grifo do autor)

Fugindo ao mundo físico e real o artista [simbolista] parte em busca da essência do ser humano, daquilo que ele tem de mais recôndito. O homem procura o seu verdadeiro “âmbito”, e não aquele eu do Romantismo, gasto e esvaziado, que se tomara superficial e excessivamente sentimentalista.

O Simbolismo destaca-se por provocar no autor e leitor aspectos oriundos da realidade subjetiva do escritor ao provocar sensações individuais, deixando-o transmitir sentimentos metafísicos, espirituais e vitais.

O ápice do movimento simbolista no Brasil deu-se no ano de 1893, com a publicação das obras *Missal* e *Broquéis* de Cruz e Sousa (1861-1898). Essa nova estética foi “oficialmente” estreada no Brasil com o primeiro poema do livro *Broquéis*, “Antífona”, que trouxe em seus versos a inovação baudelairiana:

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...
(CRUZ E SOUSA, 2008, p.44).

Apresentar essa importante corrente de origem francesa no Brasil desencadeou inúmeras críticas às criações de Cruz e Sousa. “As primeiras manifestações simbolistas nacionais não obtiveram, no momento de seu surgimento, uma acolhida afável por parte dos historiadores de nossa literatura.” (BRANDÃO, 2004, p. 147).

É considerável atestar que o poeta simbolista traz consigo diversas características categóricas em seus versos. Ao identificar os traços desta corrente fica perceptível que se trata de uma arte rememorativa.

Segundo Righi (2006, p. 32)

O autor simbolista trabalha a subjetividade, a alusão e os conceitos deformados: modifica a definição do real na medida em que o mundo objetivo cede lugar ao subjetivo. O Simbolismo fixa-se no que transcende, no que vai além do sujeito para algo fora dele, ultrapassando os limites da experiência possível. Aborda o insólito, o bizarro, o inefável, o absurdo, o mítico e o místico, o hermético, a religiosidade (um ser superior: Deus e/ou Diabo).

É seguindo essa alusão que se identifica o simbolismo nos versos de Cruz e Sousa. Em seus livros *Evocações* (1898), *Faróis* (1900) e *Últimos Sonetos* (1905), é nítido o quanto o poeta expressa a tragicidade em meios a seus versos, como em “Vida obscura” da obra *Últimos Sonetos*:

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste num silêncio escuro
A vida presa e trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto.
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços

E o teu suspiro como foi profundo! (SOUSA, 1905).

Cruz e Sousa adquire outras inspirações de Baudelaire, o que demonstra mais aspectos simbolistas em suas obras, isto porque surge a presença do satanismo em suas criações, marca comumente expressa nas construções do poeta francês. “Esse alinhamento tem por objetivo fazer com que seus protestos contra a ordem social, a moral e a religião sejam ouvidos. Surge, então, o *satanismo literário*.” (RIGHI, 2006, p. 35, grifo do autor).

Conhecido também como o poeta da comédia trágica, e da comédia da morte, o teor nefasto pode ser encontrado em diversos poemas de Cruz e Sousa, esse lado sombrio é retratado como a face subjetiva do autor. Percebe-se um feitiço apocalíptico em suas obras, percebível, por exemplo, no poema “O que é o inferno”:

Sentir as ilusões, puras e belas,
inteiramente mortais e perdidas,
como um milhão simpático de vidas
iluminadas, doces todas elas;

Sentir murchar, como as gentis capelas
da virgindade as crenças tão floridas,
mandando o olhar às tristes avenidas
de uma existência rica de porcelas;

Erguer do chão, às vezes, a migalha
de algum consolo envolto na mortalha
de uma ironia, de um sarcasmo eterno!

Entrar em vida num sepulcro mudo,
sem um lar, sem amor, sem luz, sem tudo,
só isso e nada mais é que é inferno.

(SOUSA, 1886, p.3).

É visível a consternação do poeta em seus versos, o drama nefasto fez parte de sua essência como escritor e deu-lhe reconhecimento na literatura, pois sua alusão ao

sofrimento não era algo especificamente pessoal e sim sobre a angústia e aflição da sociedade como um todo “a respeito do sofrimento e da dor de todo ser humano, o poeta enuncia conceitos de arte, para justificar a sua atitude adotada nas letras.” (CESCO, 2011, p. 1).

De acordo com Espíndola (2016, p. 117).

O esmiuçar de suas experiências e a leitura de seus escritos, alguns publicados somente após a sua morte, possibilitaram perceber um sentimento de desilusão e desencanto com sua época, sentimento que deu origem a uma sensibilidade decadentista, tendo sido essa a forma estética encontrada por Cruz e Sousa para mostrar seu desencanto e desgosto pela sociedade. A memória sobre sua trajetória revisitada a partir de seus escritos, cartas, poemas e colunas de jornais permitiu fugir de um discurso normativo totalizante e hegemônico sobre ele, que o coloca em um único lugar: o dos vencidos pelas vicissitudes.

Por tratar-se de um homem negro que em meio a uma sociedade racista e classicista tivera uma educação e vivência econômica de um indivíduo branco e com condições financeiras consideradas de alto nível na época, o poeta viveu diversos momentos frustrantes em sua vida, o que lhe desencadeou uma insatisfação e decepção com a sociedade. Por entender o corpo social de que fizera parte, Cruz e Sousa não conseguia satisfazer-se com os dilemas sociais e consequentemente raciais aos quais era submetido. Essas desarmonias fizeram com que o escritor expusesse em seus versos todas suas indignações produzidas pela própria instituição, “a partir dessas questões iniciais, busca-se dar a Cruz e Sousa uma nova abordagem, dessa vez pelo viés da história social, procurando iluminar alguns aspectos de sua vida ainda obscuros.” (ESPÍNDOLA, 2016, p. 117).

Para compor por completo seus aspectos literários, Cruz e Sousa utilizou em sua poesia simbolista algumas causas que fizeram parte de sua trajetória de vida, tais como: a relação com o pai, as características africanas, as causas abolicionistas, as críticas em como a sociedade se comportava na época, o racismo, a desigualdade e a exclusão social.

8. AS EVOCAÇÕES EM “DOR NEGRA”

Mesmo não tendo obtido tanto reconhecimento dentro da literatura brasileira, João da Cruz e Sousa foi autor de grandes obras poéticas e com grande valor literário. Sua poesia foi baseada no Simbolismo, deste modo o poeta demonstrava uma visão subjetiva da realidade, além disso, é considerado um grande defensor das causas abolicionistas. Cruz e Sousa não chegou a viver uma vida de escravizado, mas por ter nascido e crescido em uma sociedade racista, conviveu diretamente com os resquícios da discriminação que o negro vivera em meio à elite da época.

Uma de suas criações não muito conhecida, mas de grande relevância abolicionista é o poema em prosa ‘Dor Negra’, presente na obra “*Evocações*²⁴” – é considerada a grande obra da fase madura do poeta –, este poema traz em seu corpo um vocábulo explícito e doloroso diante da crueldade que os escravizados viviam. Oliveira (2016, p. 14) aponta como uma característica importante a observação do engajamento abolicionista de Cruz e Sousa em suas obras, contradizendo visões equivocadas de alguns críticos que “viam no artista o poeta negro fechado em sua ‘torre de marfim’, obcecado pela cor branca e alheio às questões que lhe diziam respeito diretamente, como por exemplo, o Abolicionismo”. (AMARAL, 2005, p. 130).

Ao analisar o poema, percebe-se que o poeta utiliza uma linguagem que expressa nitidamente a dor vivida pelos escravizados ao serem castigados pelos capitães do mato, é entendível que o vocábulo utilizado demonstra a insatisfação expressada como forma de denúncia da escravidão. Para enfatizar, Sousa usa expressões verídicas de dor e sofrimento que os negros eram submetidos, mesmo não tendo passado por punições físicas, isto por ser filho de escravizados alforriados, o poeta consegue transmitir a angústia e tortura que aquele povo era obrigado a se sujeitar.

O início do poema é retratado com palavras que remetem a crueldade e martírio, Cruz e Sousa expõe logo no primeiro parágrafo o tormento que os escravizados passavam, e cita o pior dos ambientes – o inferno – para ressaltar o quão asqueroso era ser negro na época; para além, demonstra compaixão diante de seus irmãos de cor indagando aos céus

²⁴ “É um livro denso, forte, dramático, bastante autobiográfico. Nele estão registrados os dois últimos anos do poeta e de sua família. Pouco estudado até hoje, *Evocações*, ao contrário da prosa poética de Missal, que é, sem dúvida, uma ótima evolução dos Tropos e fantasias, é uma exacerbação do poeta, em que é fácil perceber suas magoas, suas zangas, suas desilusões. E, ao avistar a morte, tão sinistra e inevitável, tão pavorosa, Cruz e Sousa fez de *Evocações* o mensageiro de suas mensagens, dos seus recados, dos seus xingamentos e indignações”. (ALVES, 2008, p. 393).

tamanha barbaridade “que existir é esse, que as pedras rejeitam, e pelo qual até mesmo as próprias estrelas choram em vão milenariamente?!” (SOUSA, 1898, p. 122).

Uma característica importante nas obras de Cruz e Sousa é a ênfase dada ao melodramático. A segunda parte da prosa é uma intensificação do sofrimento vivido pelos escravizados, para isto o poeta utiliza a repetição da palavra “dor” fundamentando a agonia e crueldade com que eram tratados os negros.

Que as estrelas e as pedras, horivelmente mudas, impassíveis, já sem dúvida que por milênios se sensibilizaram diante da tua Dor inconcebível, Dor que de tanto ser Dor perdeu já a visão, o entendimento de o ser, tomou decerto outra ignota sensação da Dor, como um cego ingênito que de tanto e tanto abismo ter de cego sente e vê na Dor uma outra compreensão da Dor e olha e palpa, tateia um outro mundo de outra mais original, mais nova Dor. (SOUSA, 1898, p. 122-123).

Nota-se que além de enfatizar a dor, Sousa faz um comparativo com dores elevadas, utilizando um vocábulo hiperbólico, além disso, recorre aos sentidos para manifestar sua subjetividade, e demonstra uma de suas grandes particularidades na escrita, o pessimismo, expressando a ideia de intensidade no tratamento dado aos escravizados. Ao evidenciar a dor sentida pelos escravizados, Sousa demonstra sua compaixão pelos seus, e por meio de um jogo de palavras altamente acurado consegue apresentar e explorar os problemas sociais e humanitários da época, expressando-os sob uma nova forma literária.

A terceira parte do poema é marcada por um vocabulário violento, cruel e perverso, é visível que o poeta expõe a ruindade humana que os negros viviam. No início deste parágrafo, Sousa já exprime sua subjetividade, expressando-se de maneira mortuária para manifestar-se contra as barbáries a que os escravizados eram submetidos. Para intensificar e transmitir o que o próprio título já diz, o autor vai além e descreve veementemente as torturas impostas aquele determinado povo, utilizando expressões severas como, “metendo-te ferros em brasa pelo ventre”, “metendo-te ferros em brasa pela boca e metendo-te ferros em brasa pelos olhos”, estas sentenças demonstram a ira e insatisfação do eu lírico, que faz questão de exteriorizar a ilusória liberdade pela qual tanto lutara e expõe esta insatisfação no meio do parágrafo usando a fraseologia “uma ridícula e rota liberdade”. Trata-se de uma parte do poema em que o autor utiliza para expor toda sua indignação, para isso usa palavras fortes e impactantes como forma de externar a aflição a que tantos negros eram submetidos. “A multiplicidade de imagens e de sonoridades causa uma explosão sensorial no leitor, conduzindo-o a um estado de

espanto geral e de choque diante do inusitado.” (ASSIS ET AL, 2015, p. 30). Isto destaca o poeta numa condição que vai além de sua contribuição ao Simbolismo, realçando-o também como homem negro abolicionista. Assis et al. (2015, p. 33) afirma que Cruz e Sousa “produziu matéria com teor social relevante, principalmente acerca da condição do negro no fim do século XIX, fosse antes ou depois da abolição da escravatura.”

A quarta e última parte do poema é retratada pelo poeta como forma de explicação de tamanha dor ali sofrida. O início do parágrafo é dado por meio de comparações. Sousa intensifica sua explicação, mencionando essa dor sendo sepultada e enterrada três vezes, expondo o imensurável sofrimento e equiparando-a a doença da lepra. O poeta ressalta os gritos de dor dos sofrendores, e utiliza a expressão “a alma negra dos supremos gemidos” para exprimir seu descontentamento.

É certo que o poeta se manifesta exprimindo o ápice de sua amargura e angústia diante do cenário a que os escravizados foram submetidos, seu vocabulário é repleto de expressões e palavras violentas e árduas, o que desperta no leitor um sentimento de padecimento.

[...] agrilhetada na Raça e no
Mundo para soffrer sem piedade a agonia de uma
Dôr sobre-humana, tão venenosa e formidável,
que só ella bastaria para fazer ennegrecer o sol,
fundido convulsamente e espasmodicamente á lua
na cópula tremenda dos ecl'pses da Morte [...]
(SOUSA, 1898, p. 123-124).

A construção do poema é dada pela intensificação da dor que os escravizados vivenciam, apontada em diferentes âmbitos e sempre realçada com teor nefasto, a fim de impressionar e sensibilizar o leitor, manifestando-se em prol da abolição da escravatura. Cabe ressaltar que o poeta não se absteve da luta libertária dos escravizados, como comumente é retratado no estudo sobre sua vida. Neste sentido, é evidente que o poeta em vida conseguiu demonstrar lados distintos dentro da literatura, isto porque sua escrita pode ser entendida como grande obra simbolista e configurada como crítica social e racial diante do que o poeta pôde vivenciar em sua época. “A oscilação de sentido dada ao traço diferenciador torna-se obsessão em sua obra, tomando configurações poéticas diversas em torno da oscilação entre o alto — a poesia simbolista, a arte pura — e o baixo — o trabalho, a escravidão, a barbárie.” (RUFINONI, 2014, p. 64).

9. CASTRO ALVES E CRUZ E SOUSA: POESIA E ATIVISMO SOCIAL

Diversos aspectos diferenciam esses dois grandes nomes da Literatura Brasileira. Castro Alves, homem, branco, viveu no período de intensa efervescência escravocrata, considerado um dos maiores romancistas brasileiros. Cruz e Sousa, homem, negro, nascido e vivido pós “escravidão”, ficou conhecido por ser um dos precursores do movimento simbolista. A questão racial foi de grande importância nas obras desses autores que deixaram um grande acervo literário com ideal abolicionista. Ao explorar a vida desses grandes escritores, ficou clara a contribuição de ambos em meio a questão social em que viveram, apesar de transmitir na maioria das vezes suas reivindicações por meio de poemas, isto não diminuiu a representação que tiveram em suas respectivas épocas.

A luta abolicionista foi um grande marco na história do Brasil, que persistiu na escravidão dos negros por mais de 300 anos. Durante centenas de anos, escravizar homens, mulheres e até mesmo crianças descendentes da raça negra, era uma prática normalizada no território brasileiro, e poucos eram os grupos fora dessa etnia que reivindicavam o fim do sistema escravocrata. Por meio de dados estudados nesta monografia é possível afirmar que Castro Alves, apesar de ser um homem com posição social prestigiada, não se calou diante das atrocidades da escravidão. É sabido que o poeta conseguia enxergar além de sua época, e não normalizava tamanha crueldade vivida por aquele povo quase que esquecido socialmente. Alves estava bem à frente de seu tempo, e antes mesmo da imprensa assumir os movimentos abolicionistas, o poeta já iniciava protestos por meio de jornais, para reivindicar o fim da escravidão. O apelido “Poeta dos Escravos”, que ainda hoje é comumente associado ao autor, foi fruto de uma vida dedicada à defesa de um povo castigado e abandonado pelo corpo social da época.

De acordo com Costa (2006, p. 187)

Castro Alves, enquanto poeta, inventou uma linguagem capaz de quebrar o silêncio sobre o negro escravo e a escravidão, ditado pela colonização na história e na literatura do país, desconstruindo, desse modo, discursos literários hegemônicos que celebravam o índio, o amor, os costumes e a cultura urbana. Sua poesia deu visibilidade ao ‘outro’, àquele que veio do outro lado do Atlântico pela força bruta da máquina escravocrata, contribuindo para que o diferente despontasse na sociedade brasileira no período em pauta.

Deste modo, é conhecido que Castro Alves reinventou a literatura, transformando-a numa forma de manifestação e indignação, utilizando o seu Romantismo não apenas

para exibir as belezas que a cultura nacional cultuava, mas também para denunciar outro lado nacional escondido nas senzalas das grandes e belas fazendas brasileiras. “Castro Alves pautava-se no projeto literário do seu tempo, não poupava denúncias ao Império e celebrava em suas poesias os escravos.” (COSTA, 2006, p. 188).

Mesmo que em muitos de seus poemas Alves tenha apenas demonstrado o sofrimento dos escravizados, é importante salientar que ao destacar as crueldades a que os negros eram submetidos, posicionam-os numa posição visível, ou seja, mostram-nos para a sociedade, o que resulta na comoção social e engrandece a causa abolicionista. “Revoltado ante os crimes hediondos praticados contra essa parcela do povo, Castro Alves revela-se nos mais comovidos versos jamais escritos no Brasil.” (TORRAS, 1978, p. 116).

Numa época em que o privilégio em ser homem e branco já trazia por si só diversos benefícios diante da sociedade, Alves em sua condição político-social não precisava adentrar-se profundamente na luta abolicionista, isto porque isso não lhe dizia respeito ou atingiria-o diretamente, mas o poeta foi além e, durante seus poucos anos de vida, usou de suas obras para reivindicar liberdade e justiça aos negros escravizados.

Segundo Torras (1978, p. 117)

Sua poesia retrata fielmente o que lhe ia na alma, impregnada das qualidades positivas de calor humano, de bondade de amor à liberdade e à justiça. Nessa alma lírica alojava-se igualmente o épico revolucionário de frases contundentes como vergastadas, cujas estrofes tinham o calor do libelo e a força do panfleto.

Comentado [M2]: Aspas\

À vista disso, confirma-se o quão importantes foram as obras de Castro Alves para os movimentos sociais e abolicionistas em que tanto lutou em vida. O abolicionismo literário foi fortemente retratado em meio às poesias do poeta, que conseguiu demonstrar a desigualdade social estrondante e a disparidade entre negros e brancos em sua época.

Ao observar a vida e obra de Cruz e Sousa, nota-se que o poeta negro – não tão lembrado quanto Castro Alves - também foi de suma importância para o movimento abolicionista. Nascido ainda no período escravocrata, mas em condição de alforria, Cruz e Sousa sofreu bastante com os resquícios da escravidão no Brasil. Suas obras foram elaboradas com viés simbolista, o que lhe deu o reconhecimento como precursor desta escola literária no Brasil.

Desde a construção de sua trajetória como poeta, Sousa sofreu com o não reconhecimento de suas obras, ao analisar sua vivência, nota-se que em grande parte de sua vida o poeta demonstra insatisfação e indignação na busca da ascensão social em meio

a sociedade caucasiana. Muitos críticos apontam Cruz e Sousa como um escritor obcecado pela cor branca ou até mesmo que negava sua raça e ainda apelidam-no como “Negro de alma branca”, esta referência é associada à ideia de seu grande desejo em ser reconhecido na alta sociedade, isto porque o poeta não fora criado como escravo; antagonicamente, Sousa viveu toda sua infância e adolescência com regalias como roupas e comidas sofisticadas, o que o diferenciava da grande parte de seus irmãos de cor. Além disso, com estudos mais precisos, constatou-se que as cores brancas comumente utilizadas em seus poemas, não era uma característica própria do poeta, mas dos simbolistas em geral, que tendiam a privilegiar a cor branca devido ao teor transcendentalista do movimento, o que se associa trivialmente com o racismo enraizado.

Ao analisar Cruz e Sousa como poeta abolicionista, percebe-se que suas criações literárias tiveram grande relevância, isto porque seus poemas manifestavam-se de forma subjetiva, de quem conhecia e vivia as dores que a escravidão causara. É importante ressaltar o poeta não como mero ex-escravizado, mas como símbolo de destaque na luta abolicionista, além disso, evidenciá-lo como autor negro que por muitas vezes fora apagado da literatura brasileira.

Conforme Loriane Andrade da Silva Ferreira (2013, p. 10)

Cruz e Sousa sofreu veemente preconceito racial, inclusive foi impedido de assumir o cargo de promotor por causa disso. Ele combatia, então, esse preconceito de que era vítima. Quando estava na imprensa catarinense, escrevia crônicas abolicionistas, repudiando a situação vivenciada pelos negros. Não eram todos os seus poemas que abordavam essa questão, mas os que abordavam tinham uma força gigantesca, um grito aflito que pedia por mudanças, amargura em forma de palavras.

O grito abolicionista de Cruz e Sousa pode ser encontrado em muitos de seus poemas, mesmo que grande parte de seu destaque tenha sido evidenciado com sua literatura simbolista, isso não o apaga diante da luta contra escravidão. Para além, Sousa foi duramente punido com os vestígios escravocratas, não ter vivido em senzala ou ter sido açoitado, não o desprende das marcas e da “herança” que a escravidão impôs nos negros da época.

A comparação a que se pode chegar, ao analisar as trajetórias dos autores, é que Castro Alves é associado comumente à luta escravocrata e inclusive alcunhado como “Poeta dos escravos”, enquanto Cruz e Sousa foi por diversas vezes questionado por não se engajar com sua etnia. Então, se ambos os autores trazem nos corpos de suas obras, poemas sociais ligados à luta abolicionista, de onde advém o questionamento – justamente – do poeta que viveu na “pele” as marcas da escravidão? Neste sentido, cabe-se

promover a questão da literatura racista, que ainda na contemporaneidade é comumente evidenciada nos estudos sociais.

Em conformidade com Dalcastagnè (2008, p. 87)

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso. Na literatura, não é diferente. São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens – uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do País publicada nos últimos 15 anos identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores. Isto sugere uma outra ausência, desta vez temática, em nossa literatura: o racismo.

Compete ressaltar que tanto Castro Alves quanto Cruz e Sousa foram e são poetas extremamente importantes na literatura brasileira, principalmente no que dizem respeito ao cunho social, ambos merecem destaque, pois se trata de dois grandes símbolos literários extremamente relevantes, com grandes contribuições e colaborações para a cultura nacional. Evidenciar o diferente tratamento e reconhecimento a que ambos foram submetidos é de grande pertinência nos estudos literários e sociais, pois determinam outro olhar social no discernimento do percurso avaliatório que cada poeta obteve durante as épocas que viveu. Deste modo, é considerável que as obras desses grandes autores estão inseridas no cânone nacional, isto por que ambos os poetas contribuíram com suas criações e representaram na Literatura um cunho político social.

CONCLUSÃO

Observar o período escravocrata diante da perspectiva literária evidenciou a importância dessa vertente no estudo da Literatura Brasileira. A ideia do apagamento e distanciamento do negro no âmbito histórico refletiu dentre outras esferas, isto porque resultou em uma desigualdade evidenciada ainda na contemporaneidade. Foram mais de trezentos anos de escravização, que fizeram do povo negro reféns de um sistema extremamente hostil e violento, além disso, desencadeou uma extensa segregação de raça e desigualdade social. Ao aprofundar-se no estudo escravista constata-se que é possível analisar este período de diferentes versões e contextos. Explorar este cenário dentro da literatura demonstra o quanto a escravização estimulou o racismo em tantas ambiências no Brasil. Compreende-se que desde o século XVI, os negros vinham sofrendo com a violência e condições desumanas que a escravidão impusera, mediante esta pesquisa, foi analisado o negro no meio poético e estabeleceu-se dois âmbitos de sua posição no campo literário: o de inserido como personagem e o de autor dos poemas. A observação dessas temáticas pode ser realizada por meio das obras e vida dos poetas Castro Alves e Cruz e Sousa, reconhecidos na Literatura Nacional por terem se dedicado em defesa da liberdade e reconhecimento do negro no ambiente literário e social.

Apesar de terem vivido em diferentes épocas, os autores supracitados defenderam a mesma tendência, a posição e tratamento social que eram dados aos negros. Castro Alves foi um poeta que idealizou um mundo mais justo e defendia acima de tudo a liberdade, para isso lutou como pôde para defender esse povo que vivia hostilizado diante da sociedade caucasiana. Alves utilizou meios expositivos para manifestar sua insatisfação diante da escravização dos negros; poemas, peças teatrais, declamações em praça pública fizeram parte das formas de reivindicação que o poeta usou para expressar seu posicionamento a favor da liberdade dos escravizados. Uma das grandes obras do autor que expressou um grande marco da escravidão foi o poema “Navio negreiro: tragédia no mar”, que além de descrever a trajetória das viagens do tráfico de escravos da África para o Brasil, demonstrou uma grande comoção diante de seus versos repletos de subjetividade e hipérboles a fim de despertar no leitor um sentimento de revolta e repulsa perante a desumanidade a que eram expostos homens, mulheres e crianças negras durante o período escravocrata. Sua luta em prol da liberdade dos escravizados fora de tanta importância, que Alves é reconhecido como “Poeta dos Escravos”, em virtude de sua grande contribuição para o reconhecimento da igualdade dos negros na sociedade.

O outro grande poeta mencionado nesta monografia é Cruz e Sousa, autor negro e precursor do movimento Simbolista no Brasil. Considerado um dos mais célebres poetas da Literatura Brasileira, Sousa foi um intelectual impecável na época em que viveu, mas por tratar-se de um poeta negro, filho de ex-escravizados, sofreu bastante com os vestígios do racismo. Diante desta realidade, Sousa expôs sua indignação por meio de cartas e poemas no qual expressava sua repulsa diante da sociedade elitista da época. Suas obras são carregadas de subjetividade, seu sentimentalismo é perceptível na maioria de suas criações, o que despertou e desperta emotividade no leitor. Apesar de ter vivido pós-escravidão, isso não impediu de conviver com o sistema racista, durante toda sua vida foi menosprezado e diminuído apenas por sua cor, o que desencadeou também em seu tardio reconhecimento dentro da Literatura Brasileira.

Entendeu-se então que os autores ao mesmo tempo em que detêm pensamentos comuns, são vistos de diferentes formas no campo literário. Castro Alves detém um grande reconhecimento em meio à luta escravocrata, além disso, evidenciou o negro como protagonista, destacando-o em suas obras com a finalidade de demonstrar para a sociedade as condições de barbárie a que os escravizados eram condicionados. Enquanto isso, Cruz e Sousa conviveu com o racismo pós-escravidão, detendo o papel de negro não reconhecido dentro da Literatura, sendo excluído de diversos meios sociais mesmo sendo um grande intelecto e autor de obras literárias impecáveis. Os resquícios do sistema escravocrata perduram ainda na modernidade e foi um grande obstáculo durante a vida de Cruz e Sousa, o que resultou em sua grande revolta contra a escravidão e o racismo de sua época.

As lutas dos poetas tiveram a mesma finalidade e as formas de combater as condições a que os negros eram submetidos durante e pós-escravização também foram similares, isto porque ambos utilizaram a poética para reivindicar suas perspectivas, o que na época foi de grande feito em prol da liberdade de negros escravizados. Utilizar de mecanismos literários para expor as atrocidades da escravidão foi a forma de luta e combate que Castro Alves e Cruz e Sousa encontraram para manifestar sua repulsa diante da sociedade racista em que viveram. Deste modo, compreende-se que em virtude do racismo estrutural houve o afastamento da população negra dos espaços de poder e produção de discurso, secundando este povo no campo literário, assim como é feito no meio social. Estudos que salientam esta problemática na Literatura Brasileira, são de extrema importância, pois, por meio destas análises será possível abrir portas para

entender o que a escravidão causou na vida dos negros e desta forma, construir e validar representações do mundo social. Além disso, a literatura é um espaço privilegiado para manifestações, todo e qualquer discurso realizado em seu campo retém uma grande legitimidade social.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha et al. **Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaéla Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon, Princesa Isabel**. 2018. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/550-isabel-cristina-leopoldina-augusta-micaela-gabriela-rafaela-gonzaga-de-braganca-e-bourbon-princesa-isabel>. Acesso em: 3 jun. 2020.
- ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALVES, Castro. Navio negreiro. In: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 13 de abr. 2021.
- ALVES, Castro. **O navio negreiro e Vozes d'África**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.
- ALVES, Uelinton Farias. **Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- AMARAL, Emília et al. **Novas Palavras: língua portuguesa: ensino médio**. 2 ed. renov. São Paulo: FTD, 2005.
- ASSIS, Renilton Roberto da Silva Matos de; INÁCIO, Julia Farias; SANTANA, Poliana Silva. In: **Cruz e Sousa: o poeta da Ilha**. Florianópolis: FCC, 2015. 52 p.
- BARROS, Adailton Almeida. A Lírica Colorida de Cruz e Sousa. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 19, n. 25, p. 70-86, jan. 2017.
- BARBOSA, Maria Braga. O navio negreiro de Castro Alves Consciência Lírica e Exaltação Poética. **Opiniões**, São Paulo, p. 36-42, 07 abr 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/114629/112414>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- BEZERRA, Nielson Rosa. Escravidão, biografias e a memória dos excluídos. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 1, n. 126, p. 136-144, nov. 2011. Acesso em: 5 jun. 2020.
- Biblioteca Nacional (Brasil). **Castro Alves: o olhar do outro** / Fundação Biblioteca Nacional. — Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro,

1997. 206 p. : il. ; 28cm. ISBN 85-333-00921 Catálogo da exposição comemorativa dos 150 anos de nascimento de Antônio de Castro Alves, realizada de 3 de julho a 28 de agosto de 1997. Acesso em: 15 jun. 2020.

BORGES, Bento Souza; REIS, Fabricia Carla Xavier dos. **CASTRO ALVES E A TERCEIRA GERAÇÃO ROMÂNTICA BRASILEIRA, A SEMENTE DO REALISMO**. Repositório Institucional – FUCAMP. p. 1-18. Nov-2017. Acesso em: 4 jul. 2020.

BORGES, Isabela Melim. **A crítica de ontem, de Nestor Victor**. 2017. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2017/a-critica-de-ontem-de-nestor-victor/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BRANDÃO, Gilda Vilela. Simbolismo no Brasil, simbolismo na França: crítica e formalização. **Leitura: A lírica em verso e prosa**, Maceió, v. 1, n. 34, p. 147-176, dez. 2004.

BRASIL, Amcham. **Mercado de trabalho ainda é excludente para negros no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/mercado-de-trabalho-ainda-e-excludente-para-negros-no-brasil/>. Acesso em: 6 jun. 2020.

CALMON, Pedro. **Vida e amores de Castro Alves**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1935.

CESCO, Andréa. Cruz e Sousa: emparedado em seu poema. **Revista Literatura em Debate**, Itapajé, v. 5, n. 9, p. 1-45, 30 nov. 2011. Acesso em: 3 ago. 2020.

CONCEIÇÃO, Katiani Lima; MENEZES, Leandro Freitas. A mulher brasileira na lírica amorosa de Castro Alves: um estudo sobre a poesia lírica como recurso de ensino e aprendizagem no livro didático. **Revista Fronteira Digital**, Mato Grosso, v. 3, n. 2, p. 1-20, 8 abr. 2011. Anual. Acesso em: 3 jun. 2020.

COSTA, Aramis Ribeiro. A morte na vida e na poesia de Castro Alves. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, Bahia, v. 1, n. 52, p. 15-38, mar. 2014. Anual. Acesso em: 13 jun. 2020.

COSTA, Cléria Botelho da. Justiça e abolicionismo na poesia de Castro Alves. **Projeto História**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 179-194, dez. 2006. Acesso em: 27 abr. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos**: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2021/1594>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

DIHL, Tuane Ludwig. Cor e cidadania no jornal A Federação: fragmentos biográficos de abolicionistas negros. **Faces da História**, Assis, v. 3, n. 2, p. 36-56, jul. 2016. Acesso em: 27 jul. 2021.

DUARTE, Eduardo Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, Minas Gerais, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul. 2013. Acesso em: 29 jan. 2021.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. Cruz e Sousa: a verve satírica contra o preconceito e a discriminação. **Afro-Ásia**, Salvador, v. 1, n. 53, p. 115-147, 06 abr. 2016. Acesso em: 13 jul. 2021.

ESPOSTE, Cinthia Teresinha Fabre; SILVA, Elias Cloy França Ferreira da; VENANCIO, Vitória Maria de Brito; PIROZI, Anízio Antônio; FÓFANO, Clodoaldo Sanches. A DENÚNCIA SOCIAL ESCRAVOCRATA EM “NAVIO NEGREIRO”, DE CASTRO ALVES. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 24, p. 120-130, dez. 2018.

FENSKE, Elfi Kürten. **Cruz e Sousa - o cisne negro**. 2012. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2012/02/cruz-e-sousa-o-cisne-negro.html>. Acesso em: 20 mai. 2021.

FERNANDES, Ana. “O navio negreiro”, de Castro Alves. **Máthesis**, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 19-29, fev. 2011. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23464/1/Mathesis20_19.pdf?ln=pt-pt. Acesso em: 04 jul. 2021.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 271-288, ago. 2007. Acesso em: 12 mai. 2021.

FERREIRA, Loriane Andrade da Silva. A diáspora negra na literatura brasileira: João da Cruz e Sousa. **Vocabulo**, Ribeirão Preto, v., n. 1, p. 1-15, fev. 2013. Acesso em: 30 abr. 2021.

FUKS, Rebeca. **Elza Soares**. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/elza_soares/. Acesso em: 04 jul. 2021.

GARAEIS, Vítor Hugo. **A história da escravidão negra no Brasil**. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

GRAHAM, Richard. Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil. **Afro-Ásia**, Bahia, v. 1, n. 27, p. 121-160, jan. 2002. Acesso em: 04 jul. 2021.

GOMES, Lauro Felipe Eusébio. Ser Pardo. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 66-78, jan. 2019. Acesso em: 26 jun. 2020.

HADDAD, Jamil Almansur et al. **Castro Alves**. 2006. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/bibliografia>. Acesso em: 04 jul. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínuas 2012 -2019**. São Paulo: IBGE, 2019.

JUNKES, Lauro. **Cruz e Sousa: obra completa**. Volume 1. poesia. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.

LÔBO, Danilo. Cruz e Sousa: o assinalado. **Travessia**, Santa Catarina, v. 1, n. 26, p. 11-23, jan. 1993. Acesso em: 26 jun. 2020.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Francisco Margarida**. 2020. Disponível em: <http://memoriapolitica.ale.sc.gov.br/biografia/316-Francisco_Margarida>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Manoel dos Santos Lostada**. 2020. Disponível em: <http://memoriapolitica.ale.sc.gov.br/biografia/664-Manoel_dos_Santos_Lostada>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Virgílio Várzea**. 2020. Disponível em: <http://memoriapolitica.ale.sc.gov.br/biografia/900-Virgilio_Varzea>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MÉRIAN, Jean-Yves. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. **Navegações**, porto alegre, ano 2008, v. 1, n. 1, ed. 1, p. 50-60, 1 mar. 2008. Acesso em: 26 jun. 2020.

MORAES, Renata Figueiredo. O "Dia Delírio" de Machado de Assis e as festas da abolição. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 34-53, abr. 2018. Acesso em: 26 jun. 2020.

MORENO, Camilla Cafuoco. Entre Castro Alves e Sebastião Salgado: o diálogo condoreiro. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-15, maio 2009. Acesso em: 05 ago. 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Elisângela Medeiros de. **Cruz e Sousa: literatura e a questão "racial" na poesia simbolista**. 2016. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História do Ceres, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2016.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Acesso em: 26 jun. 2020.

RIGHI, Volnei José. **O poeta emparedado**: tragédia social em Cruz e Sousa. 2006. 172 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RUFINONI, Simone Rossinetti. Entre a torre de marfim e o pelourinho. **Teresa Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 61-84, jan. 2014. Acesso em: 14 jun. 2020.

SALES JR. Ronaldo. **O nascimento da nação**: estado, modernização nacional e relações étnico-raciais entre o império e o início da república. *Ciências Sociais Unisinos*, v.44, n.2, p.119-129, maio/agosto 2008. Acesso em: 12 jun. 2020.

SALLES, Maria Leticia Xavier, O clube do cupim e a memória pernambucana. **Revista do Arquivo Público**, v.1, n.1 – jan./jun.1946 – Recife, Arquivo Público Estadual, 1946.

SILVA, Alberto da Costa. **Perfis brasileiros: Castro Alves**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

SILVA, Camila Paiva da. **A representação da estética simbolista e sua receptividade no contexto cultural e literário do Brasil e de Portugal**. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro., Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Ellis Angela da. **Castro Alves, o poeta romântico social**. 2017. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Faat – Faculdade Licenciatura em Letras, Atibaia, 2017.

SILVA, Sara Daniela Moreira da. **Castro Alves na cultura brasileira**. 2012. 179 f. Tese (Mestrado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

SOUZA, Cruz e. **Evocações**. Rio de Janeiro: Typ . At.Din, 1898.

SOUSA, João da Cruz e. Carta enviada à Virgílio Várzea em 8 de janeiro de 1889. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. Cartas de Cruz e Sousa. Florianópolis: **Letras Contemporâneas**, 1993. pp. 33-35.

SOUZA, Allana Pereira D'ávila. Movimento abolicionista no Brasil: história e historiografia. **Revista da Academia Lagartense de Letras**, Lagarto, v. 2, n. 02, p. 65-87, 02 set. 2018. Disponível em: <http://www.allrevista.com.br/index.php/allrevista/article/view/58/54>. Acesso em: 26 jun. 2020.

SOUZA, Marcos Teixeira. José do Patrocínio: um abolicionista na ficção e na vida. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 15, n. 17, p. 1-12, jan. 2013.

TORRAS, Epláclo. Castro Alves e sua época. **Universitas**, Salvador, v. 22, n. 1, p. 115-125, mar. 1978.

VAINSENCER, Semira Adler. **Castro Alves**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 04 jul. 2020.